

La Comédiathèque

Escrever a sua vida

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

JEAN-PIERRE MARTINEZ

Escrever a sua vida

Escrever a sua vida... Para começar, é preciso esclarecer qualquer mal-entendido. Este livro não é um manual para aprender a transformar uma vida comum em um relato apaixonante. Tampouco é um método para saber como dar mais emoção à existência, com o objetivo de ter algo para contar aos netos algum dia. É, simplesmente, uma autobiografia, ou mais exatamente, uma autoficção, já que relatar a própria vida é, no mínimo, revisitar, e até reinventá-la. Um dia, tomava café com um vizinho e comecei a contar-lhe um episódio da minha vida. Ele me olhou com os olhos bem abertos e, após algum tempo, sabendo que sou escritor, interrompeu-me: “Mas é verdade o que estás a contar-me, ou estás a inventar à medida que vais contando?” Confesso que, por um breve instante, eu próprio tive minhas dúvidas. Claro, todos os escritores são mentirosos, mas também às vezes mentem de verdade, para retomar a fórmula de Aragon. Isso foi o que me decidiu a escrever este livro. Sim, este relato está escrito em primeira pessoa, para contar a minha verdade. Toda a minha verdade? Nada além da minha verdade? Não juraria. Acontece que sou escritor. Conto neste livro como cheguei até aqui, sem me apresentar como um exemplo a seguir para quem queira se tornar autor também. Escrever a própria vida é, antes de tudo, reivindicar essa parte de liberdade que só a sensação de estar vivo proporciona. Conquistei a minha liberdade através da escrita, que também é uma forma de libertação. Mas pode-se escrever a vida de muitas maneiras, com atos mais do que com palavras. Aqui está como tentei escrever a minha. Escolhendo de preferência, como o viajante de Robert Frost, os caminhos menos transitados.

© La Comédiathèque

*Dois caminhos divergiam num bosque, e eu -
Eu escolhi o menos percorrido,
E isso fez toda a diferença.
Robert Frost*

*Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Antonio Machado*

Raízes.....	4
Polvo de Estrelas	5
Saint Martin.....	6
Épluches.....	7
A Vida de Palácio.....	9
A Minha Primeira Vez.....	10
O Movimento Anti-Avestruz	12
A Casa Azul.....	13
Os Três Dias.....	15
A Feira dos Feijões.....	16
As Minhas Universidades.....	18
Torna-te Quem És.....	20
Algirdas Julien Greimas	22
10 rue Monsieur-le-Prince	24
O Bougnat	27
Um Grande Chefe.....	28
Os Duetistas.....	30
O Estatuto da Liberdade.....	32
Chernobyl.....	33
Uma Bomba.....	35
Franco-atirador.....	36
Psicose.....	39
Hanna Schygulla.....	41
Forte Álamo.....	43
Alpine	45
Río Grande.....	47
Chihuahua.....	49
El Chepe.....	50
Terceiro semestre.....	52
Iugoslávia.....	54
Freaks.....	56
Oum Kalsoum.....	57
Obelisco.....	58
Roissy	60
El Gaffiot.....	61
Cita	63
Escrever a sua vida.....	65

RAÍZES

Nasci em Auvers-sur-Oise, em meados dos anos cinquenta, e desde muito jovem prometi a mim mesmo fazer tudo o possível para não passar a minha vida lá, e sobretudo para não morrer lá. Porque nesta aldeia pode-se morrer facilmente de tédio. Não é por acaso que Van Gogh se tirou a vida em Auvers-sur-Oise depois de pintar o seu último quadro, intitulado Raízes. É verdade, fora as urtigas talvez, é difícil criar raízes neste cantinho de França que tanto impressionou os impressionistas, mas onde muita gente se suicida. O meu próprio primo, que tinha aproximadamente a minha idade, enforcou-se lá antes de chegar aos quarenta. E um amigo de infância deu um tiro na cabeça, na véspera de completar quinze anos.

Auvers é o que se chama uma aldeia-rua, que se estende ao longo de mais de seis quilómetros, presa por um lado entre os meandros do Oise, que transborda quase todos os invernos, e por outro lado um pequeno penhasco que ameaça desmoronar-se a qualquer momento, com a estrada nacional e a linha de comboio no meio. Uma aldeia tão comprida que tem o luxo de ter não só uma estação, mas também uma paragem de comboio, e também duas escolas. Vivi os primeiros doze anos da minha vida numa cabana à beira da estrada, a cerca de dois quilómetros da escola de Chaponval e a quatro quilómetros do centro da aldeia, que não está situado no meio do território do município mas num dos seus extremos.

Auvers é uma linha no mapa. A sua circunferência não está em nenhum lugar, e o seu centro quase fora dos limites. Duas vezes por dia, porque naquela época não havia cantina, fazia a pé a viagem de ida e volta entre a minha casa e a escola. Oito quilómetros diários. Entre duas prisões, durante a transferência, elaborava os meus primeiros planos de fuga, sem ainda ter os meios para os levar a cabo. Aos catorze anos, quando comecei o ensino secundário na cidade vizinha, mudámo-nos para nos instalarmos mesmo em frente àquela escola que acabara de deixar para sempre. Outra prisão esperava-me durante muitos anos, muito melhor guardada. E outro trajeto, ainda mais longo do que o anterior.

POLVO DE ESTRELAS

Fazer com que a minha primeira casa não seja a última. Esse foi o meu primeiro sonho. E, sem dúvida, é daí que vem esta paixão pela conquista espacial e a minha profunda aversão por qualquer forma de religião. "Homem, lembra-te que és pó e ao pó voltarás", diz o Gênesis. Então, ao menos, esforcemo-nos por morder no fim um pó diferente daquele que nos viu nascer. Um pó de estrelas, se possível. Depois de uma vida na lama, que o berço da Humanidade, ao menos, não seja também a sua tumba.

Nasci na cama dos meus pais, no mesmo lugar onde fui concebido. Dar à luz em casa, sem anestesia, é claro, e com a única assistência do médico de família e, às vezes, de uma vizinha, não era naquela época um regresso às origens reservado a algumas burguesas em busca de sentido para dar à sua pobre existência. Era simplesmente a dura realidade de muitas mulheres do povo. As burguesas, elas, já davam à luz no hospital. É sempre lamentável ver algumas mulheres, e alguns homens, considerar como um ato de liberdade o fato de voltar às servidões de antigamente, mas voluntariamente desta vez. Desejar a submissão, à tradição, à Natureza, a um deus ou a um homem, é realmente liberdade?

Nasci de nádegas. Em outras palavras, cheguei ao mundo mostrando o meu traseiro. Ou seja, para a minha mãe, não foi a forma mais fácil e menos dolorosa de dar à luz, e muito menos quase sozinha, em casa, sem sequer o apoio de um marido demasiado ocupado ganhando o dinheiro da casa, ou simplesmente preferindo poupar-se ao espetáculo de semelhante carnificina. Sim, as mulheres mais desafortunadas então davam à luz na sua cama. Se era necessário, também abortavam nos seus próprios banheiros. As abortadeiras não saíam da Faculdade de Medicina, os banheiros estavam muitas vezes no fundo do jardim e não cheiravam a rosas. Poderia não ter sido o último pequenino. Aí é onde terminou, sem sequer ter visto a luz do dia. Prometi a mim mesmo não acabar nesse buraco.

SAINT MARTIN

Desde o primeiro ano de secundário até ao final do ensino secundário, fiz todos os meus estudos em Pontoise, numa escola católica modestamente chamada Saint Martin de França. É de notar que este estabelecimento, cuja organização é baseada na dos famosos colégios ingleses, foi frequentado durante aproximadamente um século pelos filhos da alta burguesia francesa, o que o torna numa escola bastante elitista. Não necessariamente em termos do nível académico dos alunos, mas sim em termos da sua origem social. Não sou milionário, todos vocês já ouviram esta expressão. Pois bem, eu tinha um multimilionário na minha turma. Um verdadeiro. Aliás, não era particularmente desagradável, nem era muito bom aluno. Mais bem discreto. Muitas vezes acredita-se que os ricos nos desprezam. É falso. São os novos ricos que nos olham de cima para baixo. Aqueles que não têm dinheiro suficiente, e não há tempo suficiente, para terem esquecido de onde vêm, que sabem que ao menor passo em falso poderiam voltar lá, e que, conseqüentemente, querem distinguir-se daqueles que ainda estão numa relativa indigência. Os verdadeiros ricos não desprezam os pobres. Simplesmente os ignoram, não conhecem o seu funcionamento, exceto para os fazer trabalhar na fábrica do pai.

Ao sábado ao meio-dia, quando nos libertavam para um breve período de férias, e eu me apressava para a estação de Pontoise para apanhar o meu comboio regional, o motorista do meu afortunado colega, com um chapéu na cabeça, esperava-o num Rolls na saída da escola para o levar de volta a Paris. Eu voltava para casa, para aquele andar de três quartos onde nos amontoávamos seis pessoas, os quatro filhos na mesma divisão, aquecidos no inverno por um aquecedor a lenha, sem água quente na torneira, sem casa de banho, e com o retrete no pátio. Ele voltava para casa, não sei onde, numa luxuosa mansão do 16.º arrondissement ou num castelo no campo. Estávamos na mesma turma, mas não pertencíamos à mesma classe. Não vivíamos no mesmo mundo. Fora da escola e do seu vasto parque, os nossos caminhos nunca teriam cruzado.

Os internos vinham de Paris, ou às vezes até do estrangeiro. Na melhor das hipóteses, conheciam Pontoise apenas pela estação, onde apanhavam o comboio que os levava de volta aos bairros elegantes de Paris para o fim de semana. Se eu estava lá, com alguns outros privilegiados da região, era apenas porque os nossos pais também, apertando um pouco o cinto, tinham os meios para pagar pelo menos o refeitório nesta prestigiada escola. Mas nunca me teria atrevido a convidar a minha casa esses pequenos burgueses que, sem fazer parte da elite, viviam no entanto em habitações confortáveis de acordo com o seu status social de filhos de notáveis. Se na aula jogava em igualdade de condições com todos, uma vez atravessado o portal da escola voltava a ser um proletário. O meu pai inscreveu-me neste estabelecimento, assim como ao meu irmão, para que pudéssemos seguir uma escolaridade muito controlada, que ele próprio não teria sido capaz de supervisionar, sendo praticamente analfabeto. Deveria ter-lhe estado agradecido por me dar a oportunidade de receber a mesma educação que esta elite. Reprovava-lhe a vergonha que sentia por não fazer parte dela. Era um polizão num transatlântico de luxo. Visto como um privilegiado pelos alunos do instituto público que também cruzavam na estação, considerava-me um pária na escola muito chique que me via obrigado a frequentar.

Ainda hoje, numa receção social, sinto que o meu verdadeiro lugar está junto ao pessoal encarregado de passar os canapés da cozinha, em vez de junto aos convidados de renome que se deliciam no salão. Serei um usurpador toda a minha vida. Chamo-me Martínez. Chamavam-me Martín. Saint Martin é conhecido por ter dado metade do seu manto a um pobre. Depois de sete anos de iniciação à caridade cristã em Saint Martin de França, não sei o que fizeram os meus colegas mais afortunados com o seu casaco Burberry.

ÉPLUCHES

Consegui o ensino secundário por um triz, depois de uma escolaridade secundária cheia de altos e baixos. Na primária, não tinha muito mérito em destacar. Embora a maioria vivesse em casas mais confortáveis e mais salubres do que a minha, os meus colegas de turma vinham de contextos ainda mais desfavorecidos do que o meu. O término dos seus estudos costumava ser o sexto ano da primária. Da minha turma, apenas dois de nós fomos para o secundário: eu, filho de imigrantes espanhóis, e o filho da diretora, de origem vietnamita. Ele foi para o instituto público e eu para uma escola privada. Paradoxalmente, éramos nós, os filhos da imigração, que subíamos no ascensor social, enquanto os franceses de origem se contentavam com as escadas, esperando que não fossem as que descem ao porão. Muitas vezes, a dificuldade em sair de uma condição não reside no handicap cultural que os filhos de um ambiente modesto podem sofrer, mas na falta de ambição que os pais têm para eles. Serás operário, meu filho, como o teu pai. Ou serás cabeleireira, como a tua mãe. Um verdadeiro ofício, de imediato, e comesças a trazer dinheiro para casa. O resto não é para nós.

Os que não iam para o secundário iam aprender um ofício em Épluches, um centro profissional situado no meio dos campos de batatas, entre Chaponval e Pontoise. Quando os meus resultados escolares eram realmente desastrosos, o meu pai animava-me à sua maneira: se te expulsarem de Saint Martin, mando-te para Épluches. Não era um plano B, era uma ameaça de morte social. O meu pai era um lenhador espanhol que se tinha tornado empresário. Preferiria morrer a tornar-me operário, como os meus colegas, que eram bem franceses. E para o meu pai, isso teria definitivamente feito de mim um fracassado.

De fato, devo dizer que ao longo da minha escolaridade nunca sofri qualquer forma de racismo, como ainda era o caso naquela época para os "Ritals", ou seja, os italianos. Nem sequer tenho conhecimento de qualquer verdadeira ofensa desse tipo para qualificar os espanhóis em França. Muito pelo contrário, para todos os meus professores, eu era o exemplo a seguir. Olhem, grupo de inúteis, chama-se Martínez e é o primeiro da turma! Na realidade, sempre fui o preferido. E os meus colegas gauleses nem sequer me guardavam rancor. Ao entrar no secundário, claro, com os filhos da pequena ou grande burguesia local e os herdeiros da elite parisiense, tive que mudar de marcha. No início, perdia-me um pouco. E depois, pouco a pouco, fui recuperando, depois de ter abandonado o latim em favor da economia. Uma pena, eu gostava de latim. No entanto, esta mudança de orientação foi benéfica para mim.

Destacava-me em francês e em ciências económicas. Novamente, ia à frente do grupo, longe daqueles filhos da alta sociedade cujos pais os destinavam a Sciences Po e à ENA. À frente do herdeiro da família Rothschild que tinha como colega, e que estranhamente não parecia estar muito familiarizado com cálculos e economia. Mas, para quê saber contar quando não tens nada para contar?

À medida que o fim se aproximava, o ensino secundário começava a cansar-me um pouco. Tinha a cabeça noutra lugar. Sete anos da minha vida encerrado como um animal de uma espécie protegida, nesta reserva natural de trinta e cinco hectares que me servia de prisão dourada. E como todas as prisões, claro, aquela não era mista. Enfim, via o meu nível baixar, mas continuava confiante. Mesmo um aluno medíocre, depois de uma escolaridade numa escola tão elitista, só podia conseguir a nota que o afastaria da vergonhosa prova de recuperação. As boas notas que já tinha acumulado no ensino de francês confirmavam-me nesta ilusão. Apostava tudo no grande coeficiente de economia em que ainda tinha bons resultados, e esquecia-me das outras disciplinas.

Deveria ter-me precavido. No dia do primeiro exame do secundário, o de desenho, apanhei o comboio na estação de Pontoise depois de me ter levantado de madrugada para estar às oito num improvável instituto da periferia para compor a obra-prima destinada a dar-me alguns pontos extra. Má sorte, o comboio no qual entro é um direto para Paris. Encontro-me na Gare Saint-Lazare. Enquanto encontro outro comboio para regressar, o exame já começou há mais de uma hora. Apesar de tudo, aceitam-me na sala. Ainda me resta uma hora para desenhar as poucas frutas dispostas à nossa frente numa mesa. Então lembro-me que não sei absolutamente nada de desenho, tendo considerado erroneamente durante todos esses anos as aulas de artes plásticas como uma extensão do intervalo. Entrego o meu trabalho ao fim de meia hora. Que se lhe há-de fazer pelos pontos extra. Não preciso desses poucos miseráveis pontos para obter a menção que mereço.

Chega o ensino secundário. Os resultados do exame escrito saem, e zas. Um três em filosofia. Um pequeno treze em ciências económicas. Não é suficiente para compensar a minha mediocridade em todas as outras disciplinas. No final, consigo um bastante bom, depois de um oral catastrófico. Pelo menos desta vez apanhei o comboio certo. E não terei que descer a Épluches. Com toda a vergonha assumida, tenho o ensino secundário, apesar de tudo. A chave de entrada para a universidade. Depois de sete anos no privado, finalmente o público! A libertação...

A VIDA DE PALÁCIO

Com o meu pobre diploma de ensino secundário com menção suficiente, não podia aspirar a entrar na Sciences Po. Além disso, os meus pais nunca teriam pago um quarto em Paris, e depois de ter passado toda a minha adolescência numa escola católica, tinha vontade de liberdade. Sonhava em estar no meu lugar, relacionar-me com pessoas normais, ou seja, com estudantes da mesma classe social que eu, nem proletários nem grandes burgueses.

Em Villetaneuse, nessa universidade dos subúrbios do norte a que me tinham atribuído com base no meu local de residência, não corria o risco de voltar a ver os meus antigos colegas de Saint Martin. E, com toda a probabilidade, os filhos dos operários já estavam a trabalhar na fábrica. Pensava encontrar lá os alunos do instituto, com quem esperava estabelecer relações normais, entre filhos e também filhas, finalmente, de franceses medianos. Mas, seria eu ainda um francês médio? Tinha sido realmente? Seria algum dia?

Aos catorze anos, tinha deixado a chabola onde nasci e cresci, com o meu irmão e as minhas duas irmãs. Após um projeto de construção falhado em Montlignon, que alguns anos depois me teria permitido ir quase a pé para a universidade de Villetaneuse, ou em meia hora de comboio e metro até à Sorbonne, vivíamos agora numa enorme casa, ainda em Auvers, mas a dois quilómetros mais além, ainda mais isolada do que a primeira. Uma casa burguesa, rodeada de um parque de duas hectares, que o meu pai tinha mandado construir a um velho pedreiro reformado, fazendo-nos trabalhar a nós, os rapazes, quando não estávamos na escola, para empurrar as carrinhas de cimento que aquele homem já não era capaz de mover.

A verdade é que, durante os dois ou três primeiros anos, só ocupávamos o sótão da casa, enquanto os pisos habitacionais ainda estavam em construção. Tinha deixado uma chabola onde devia partilhar uma cama de casal com o meu irmão na mesma divisão que as minhas duas irmãs, e encontrava-me nessa mesma cama, ainda com o meu irmão, numa divisão sem janela, no sótão de uma mansão em construção. Pelo menos, agora tínhamos acesso a um chuveiro e a umas instalações sanitárias dignas desse nome.

Quanto à água corrente, de facto, já não corríamos o risco de ficar sem ela. Construída na encosta da estrada a cerca de cem metros do Oise, contra a opinião do próprio pedreiro, a casa inundou-se antes de ficar terminada. Um metro e oitenta de água no rés-do-chão. O meu irmão e eu improvisámos uma balsa para explorar a nossa nova casa. Quando és criança, divertes-te com tudo, até com o pior. Mas, todos os invernos depois disso, vivíamos com o medo de uma nova inundação que nos deixasse novamente sem aquecimento e, por vezes, sem eletricidade.

Finalmente, aos dezasseis anos, tinha o meu próprio quarto, no andar e mais ou menos a salvo das caprichos do rio. Na verdade, só tinha o problema da escolha do quarto, já que entretanto, as minhas duas irmãs tinham saído de casa depois de se casarem apressadamente para escapar a esse inferno familiar. O meu irmão estava prestes a ir-se embora também. Assim que, agora vivia sozinho com os meus pais

nesse "palácio" finalmente terminado e dotado de todas as comodidades, mas agora deserto. Apenas sonhando poder ir-me embora também.

Há um verdadeiro palácio em Auvers, e teria conhecido tanto o filho do senhor do castelo da época, que era um colega de turma em Saint Martin, como o filho do guarda, um italiano, já desescolarizado e um pouco traficante, com quem fumava os meus primeiros charros durante os breves momentos de liberdade não supervisionada. Essa é a história da minha vida. Nunca soube onde estava o meu lugar, no palácio, com os herdeiros, ou no escritório com os criados. E nem uns nem outros me consideraram alguma vez um dos seus.

A MINHA PRIMEIRA VEZ

No verão do ensino secundário, o meu pai, sem me pedir a opinião e sem considerar necessário avisar-me com antecedência, conseguiu-me um trabalho para o mês de julho na agência bancária onde tinha domiciliada a sua conta e a da sua empresa, na Société Générale de Pontoise. Aparentemente, ele tinha algum crédito com o diretor, pois nem sequer precisei passar por uma espécie de entrevista de emprego, apesar de evidentemente não ter nenhuma das habilidades requeridas e muito menos as disposições naturais para um trabalho de empregado de banco. Mais em geral, ignorava tudo sobre este fantástico mundo da vida de escritório.

Vivi, portanto, este inevitável rito de passagem, da infância e do seu dinheiro de bolso para a idade adulta do assalariado, como uma prova ao mesmo tempo necessária e dolorosa, por assim dizer, como uma desfloração. A primeira vez, suspeita-se que, pela falta de experiência prévia, não vai ser tão agradável como se tinha fantasiado, mas espera-se que depois, como para todos os outros, melhore, que se comece a gostar e que até se encontre alguma satisfação. No pior dos casos, a falta de verdadeiro prazer, contentar-se-á com o dinheiro que nos querem dar em troca de disponibilizar a nossa própria pessoa ao grande capital, para seu maior proveito e pleno desfrute.

Provisoriamente, deixava o universo reconfortante da escolaridade e entrava nesse mundo desconhecido do trabalho remunerado. Para esta desfloração, prudentemente me tinham designado ao serviço de compensação, provavelmente para evitar qualquer contacto potencialmente catastrófico com a clientela. Todos os dias, precisamente, os clientes depositam na Société Générale cheques de outros bancos, e todos os dias, noutros bancos, são depositados cheques da Société Générale. Para economizar movimentos de fundos desnecessários, este serviço tem a missão de contabilizar todos esses cheques para proceder à sua anulação, até o saldo, que será o único a ser transferido. Concretamente, consistia para os funcionários de compensação em somar manualmente, banco por banco, com a ajuda de uma simples calculadora, os milhares de cheques depositados no dia anterior na agência, para chegar à cifra exata que seria unânime.

Sempre tive dificuldades em fazer uma soma de mais de cinco linhas sem cometer erros, então imagina a probabilidade de acertar no resultado correto depois de ter somado durante mais de uma hora milhares de cifras, todas com centavos depois da vírgula. Em um mês, não creio ter encontrado nem uma única vez o número correto à primeira. Era necessário que outro empregado, um de verdade, revisasse as minhas somas para chegar ao resultado correto. Um trabalho que ele realizava em vinte minutos, enquanto continuava a conversar com os colegas, enquanto eu passava quase toda a manhã sem chegar a nada. Tinha pesadelos, revisitando todas as noites essas somas intermináveis, perguntando-me com angústia onde poderia estar o erro fatal que tornava todo o meu trabalho inutilizável, e fazendo-me sentir inútil.

A minha chefe de escritório, aliás, não se poupava a assinalar o quão patético eu era como empregado, considerando com razão que a minha presença naquela oficina se devia apenas ao favor que tinha gozado como filho de um grande cliente da agência. Serás um assalariado, meu filho. Esta prova iniciática foi particularmente dolorosa para mim, e durante toda a minha vida, guardaria uma profunda aversão por esse trabalho de escritório, para o qual a minha escolaridade passada e os meus futuros estudos pareciam destinar-me.

Quase lamentei não ter escolhido ser operário. Pelo menos, quando se trabalha com as mãos para realizar uma tarefa simples, como cortar madeira, por exemplo, pode-se às vezes pensar em outra coisa. Quando não trabalhava na Société Générale, de facto, aos f ns de semana ou durante as férias escolares, o meu pai levantava-me a mim e ao meu irmão  s cinco da manhã, verão e inverno, para ir trabalhar na floresta a trinta ou cinquenta quil metros de casa, após fazer o trajeto com os outros lenhadores espanhóis ou iugoslavos na parte traseira de uma carrinha com toldo. Pelo menos, estávamos ao ar livre, e enquanto queimava ramos ou empilhava troncos, podia deixar a minha mente vagar.

Mas também não me via a terminar a minha vida como homem da floresta, sobretudo com o meu pai como chefe. Começava a preocupar-me seriamente com o meu futuro profissional. Então, o que fazer? Burocrata numa oficina ou escravo numa fábrica? Kafka ou Zola? E se simplesmente não servisse para nada, como o meu pai tão pertinentemente me repetia o dia todo, provavelmente para me animar?

O MOVIMENTO ANTI-AVESTRUZ

Ao desembarcar na esplanada da faculdade de Villeteuse em outubro de 1974, depois de passar sete anos no verdejante parque da Escola Saint Martin em Pontoise, passei bruscamente do gueto reservado a alguns poucos herdeiros da alta sociedade para a prole demasiada numerosa do proletariado suburbano. A democratização do ensino superior, pelo menos naquela época, significava sobretudo que um punhado de privilegiados continuaria a acaparar as poucas vagas reservadas para eles nas instituições mais prestigiadas, como Sciences Po, enquanto o resto do rebanho se amontoaria a mais de mil em anfiteatros previstos para quinhentas pessoas e a cinquenta em aulas de trabalhos dirigidos previstas para trinta. Os primeiros acabariam finalmente por obter o passe que lhes permitiria entrar pela porta grande na sua vida profissional como altos executivos, os outros seriam gratificados como prêmio de consolação com um diploma sem valor no mercado de trabalho, que, no melhor dos casos, os condenaria a candidatar-se a empregos de escritório para os quais poderiam ter aspirado com o ensino secundário, ou a preparar obscuros concursos administrativos com a esperança de se tornarem um dia pequenos funcionários.

A desesperança, sempre alimentando a revolta, Paris XIII estava sob o controle de um punhado de estudantes de extrema-esquerda que tinham decretado que, se era para obter um diploma que não valia nada, melhor obtê-lo sem fazer nada. Os meus estudos em Villeteuse resumiram-se, portanto, a uma interminável sucessão de greves, terminando regularmente cada ano com exames de pura formalidade, seguidos de uma promoção automática por antiguidade. Felizmente, esses longos períodos de inatividade às vezes eram animados por concertos nos nossos anfiteatros transformados em salas de espetáculos por um grupo de alegres anarquistas, fundadores do bem chamado Movimento Anti-Avestruz. Durante esses quatro anos, não aprendi quase nada em economia, mas descobri Jacques Higelin, Bernard Lavilliers, Téléphone ou o West African Cosmos, que ali deram os seus primeiros concertos, em vez dos meus professores de ciências políticas ou direito empresarial. E, já que o destino não parecia disposto a fazer de mim um economista, decidi também tornar-me rockeiro.

A CASA AZUL

Para tocar bateria, antes de mais... é preciso ter uma bateria. Com o dinheiro do meu primeiro trabalho de verão, comprei uma de segunda mão. Só me restava aprender a usá-la. Por recomendação de um amigo, acabei por tomar aulas particulares em Enghien-les-Bains com o baterista do Dharma, uma das melhores bandas de jazz experimental da altura. É um pouco como se, sem nunca ter tocado um volante, para obter a carta de condução de um velho "dois cavalos" e ir de férias, tivesses um campeão mundial de Fórmula 1 como instrutor de condução.

O tipo é encantador. Ao perceber rapidamente que, ao começar a tocar bateria de forma casual aos vinte e poucos anos, nunca me tornaria no novo Billy Cobham, e que além disso não era essa a minha intenção, aceita ensinar-me os fundamentos da bateria rock. Com essas poucas bases rítmicas, decido não lhe fazer perder mais tempo e poupar o meu dinheiro. Deixo as aulas e começo a praticar sozinho. Dois dos meus vizinhos tocam guitarra. O baixista, Marc, tem apenas dezasseis anos, cinco a menos que eu. É filho do escultor Georges Jeanclos, que se tornaria famoso mais tarde. Este será o meu primeiro grupo: Os Rebeldes.

A nossa primeira aparição em público é na festa de fim de ano da escola, no salão de atos de Saint-Ouen l'Aumône. Só devíamos tocar uma canção antes da entrega dos prémios, mas o líder do grupo recusa-se a deixar o palco e, pretextando bis mais ou menos imaginários, emenda com três ou quatro músicas adicionais, sob o olhar furioso da direção. Entre versões dos Beatles e composições bastante piegas do nosso cantor, animamos algumas festas de dança, com um sucesso modesto. Com Marc, decidimos separar-nos desse cantor de variedades e formamos um novo grupo com alguns camaroneses que conheci na universidade. Este grupo chamava-se Mami Wata.

O guitarrista é um verdadeiro virtuoso e toca Hendrix como ninguém. Tínhamos sucesso em alguns concertos em salões de atos e outras casas de juventude da região. Mas este herói da guitarra resulta ser demasiado incontrolável. Nunca estamos certos de que ele virá no dia certo, de que estará em condições de tocar ou de que não lhe faltará uma corda de reserva para a sua guitarra caso rompa uma tocando com os dentes. Sempre com o baixista, formamos um grupo à volta de um pianista que comporia todas as nossas peças no estilo jazz-rock. Por minha proposta, o grupo chamava-se modestamente Experiência, em homenagem a Jimi Hendrix, o meu ídolo.

Vários concertos de bastante boa qualidade depois, a nossa carreira termina com uma desilusão. Devíamos tocar num festival ao ar livre em Pontoise, e estávamos programados justo antes da estrela, Valérie Lagrange, que para a ocasião disponibilizava todo o equipamento do seu grupo aos espetadores. Mas os atrasos acumulam-se. Valérie Lagrange, que sem dúvida não quer deitar-se muito tarde, anuncia-nos que, para tocar à hora prevista, ela passará antes de nós... e que depois recolherá o seu equipamento para regressar a Paris com os seus dois camiões e uma vintena de roadies. Ironias da história, será ela quem fará a nossa primeira parte. Contávamos muito com aquela enorme sonorização para dar uma atuação excepcional,

e agora temos que nos contentar com os nossos próprios amplificadores, nada adequados para um concerto ao ar livre, diante de um público disperso após a partida da estrela da noite. Nem sequer temos monitores. Não nos ouvimos e custa-nos muito tocar no ritmo. Para o grupo já à beira da ruptura, isto será o golpe de misericórdia. De qualquer forma, tenho que ir para o exército...

Um final amargo, portanto. Entretanto, o grupo da região com o qual partilhávamos protagonismo, as Blessed Virgins, mais alinhado com a moda, foi a Londres gravar o seu primeiro álbum. Nunca serei uma estrela do rock. Mas para mim, esta experiência será sem dúvida a mais intensa da minha vida. Durante todo este período, ensaiávamos numa incrível casa em Auvers-sur-Oise, a de Rosine Luguet, cuja filha Adélaïde era colega de escola do nosso baixista. O pai de Adélaïde, D'Dée, lendário dançarino do Tabou em Saint-Germain-des-Prés, estava casado com Ursula Vian-Kübler, a viúva de Boris, o que mais tarde me daria a oportunidade de ver o lugar onde Vian havia vivido, na Cité Véron, em Pigalle.

Rosine era ela mesma filha de André Luguet, uma estrela do teatro e do cinema da primeira metade do século vinte. A casa de Rosine era um pouco como a Casa Azul de Maxime Le Forestier. Ela tinha lançado a chave, e podias chegar a qualquer hora do dia ou da noite para comer, beber ou dormir. Podias, sobretudo, fumar qualquer coisa que se pudesse fumar na altura, e que muitas vezes crescia diretamente no jardim. Rosine também tinha sido atriz. Notavelmente na Troupe des Branquignoles. Ela disponibilizava generosamente um quarto da sua casa aos membros do grupo West African Cosmos, para que pudessem ensaiar lá, e depois da sua partida para novas aventuras, preparávamo-nos para tomar o seu lugar.

Ao chegar à casa de Rosine, não é exagerado dizer que se tinha a impressão de estar em outro lugar. Não tínhamos muitas oportunidades de nos cruzarmos com africanos, na época, em Auvers-sur-Oise. Da sala de ensaio escapavam sonoridades e ritmos desconhecidos, acompanhados de cânticos recitados numa língua cujo nome ignorávamos. Depois encontrávamo-nos com os membros do grupo reunidos à volta de um prato africano, do qual retiravam diretamente com as suas enormes mãos. Durante algumas horas, por uma noite ou um fim de semana, eu era o hippie que sonhava ser, antes de voltar para casa como um burguês estudante. Todos os meus colegas da altura, menos prudentes, não sobreviveriam a esse excesso de liberdade, que levou alguns deles a essas drogas duras que transformam paraísos artificiais num inferno bem real.

Tive a sorte de evitar pelo menos duas rusgas da brigada de estupefacientes. Uma na minha presença na casa de Rosine, onde, milagrosamente, os policiais não encontraram sequer uma beata de charro num cinzeiro, enquanto que umas semanas antes, era um grande molho de erva do jardim que estava a secar na sala de ensaio. A outra num apartamento de um colega traficante, na casa do qual na noite anterior tinha fumado ópio e onde desta vez a polícia encontrou o grande espólio. Acabou na prisão. Se eu tivesse corrido a mesma sorte, o meu pai nunca me teria perdoado, e as consequências para mim e para o meu futuro teriam sido muito mais terríveis do que as simples consequências judiciais.

Toda a minha vida joguei muito com o fogo, sem nunca me queimar. Tive a sorte de nunca estar no lugar errado na hora errada. E às vezes forcei a sorte para estar no lugar certo na hora certa. Parece que um anjo vigiava por mim esperando que eu pudesse conhecê-lo mais tarde. Em todo o caso, para mim, era o fim daquele maravilhoso parêntese musical. Depois de um último casting falhado em Hérouville, na Bergerie de Jacques Higelin, onde um dos músicos procurava urgentemente um baterista para um concerto que teria lugar no dia seguinte, vendi a minha bateria. O exército, ao qual não consegui escapar, de alguma forma ia devolver-me ao bom caminho...

OS TRÊS DIAS

Tenho vinte e três anos e, com a minha licenciatura em Ciências Económicas na mão, embora amplamente usurpada, cheguei ao final da minha prorrogação. Sim, o serviço militar é pior do que a prisão: mesmo quando consegues uma prorrogação, terás que cumprir a tua pena mais cedo ou mais tarde. Assim, recebo a minha convocatória para o que na altura chamavam os três dias, que na verdade se reduziam a um único dia. Para mim, é no Forte de Vincennes. Por uma extraordinária casualidade, o meu cunhado, que acabou de terminar os estudos de dentista, está a cumprir o seu serviço militar ao mesmo tempo e, como membro do corpo médico, foi designado para examinar os jovens recrutas convocados em Vincennes para determinar a sua aptidão para se tornarem bons soldados. Isso tranquiliza-me. Como dentista, ele não pode declarar diretamente a minha ineptidão, mas todos os outros jovens médicos atribuídos ao conselho de revisão, também recrutas como ele, são amigos. Por qualquer pretexto, serei reformado, não há dúvida.

Todos os meus amigos daquela época, por certo, já foram declarados ineptos. Geralmente, apresentavam-se aos três dias num estado desastroso, depois de várias noites em claro, sob o efeito de LSD, declarando-se loucos, homossexuais e suicidas. O exército tem um horror sagrado ao que não conhece e detesta as complicações. Reprimir cabeçudos, sim, sabe fazê-lo. É até o seu trabalho. A sua missão. Cuidar de malucos, drogados e homossexuais, não. Não sabe como lidar com esses marginalizados e teme demasiado a contaminação. Quando realmente não querias fazer o serviço militar e estavas decidido a demonstrá-lo, eras reformado. Mas não me vejo a interpretar, nem sequer por um dia, esse papel de antissocial, que pressupõe uma perda total de controle sobre si mesmo e uma confrontação direta com o poder, neste caso o do Estado. Não sou um rebelde até esse ponto.

Toda a minha vida, até agora, tive que lidar com a autoridade, a dos meus pais, a dos meus professores, a dos meus chefes, evitando qualquer oposição frontal que tivesse causado imediatamente a minha ruína. Conduzir tranquilamente por caminhos rurais com documentos falsos, de acordo. Conduzir sem licença, a toda velocidade e completamente bêbado na autoestrada, está fora das minhas forças. Por isso, a via de reforma quase legal proposta pelo meu cunhado convém-me perfeitamente. Mas a poucos dias da minha convocatória, chega o balde de água fria. O conselho de revisão transformou-se numa verdadeira confusão. Os jovens médicos recrutas reformam a torto e a direito em troca de pequenos ou grandes presentes e até às vezes por dinheiro. Há investigações em curso e o controle já começou. Já não se trata de obter

uma dispensa a bom preço.

Para passar de qualquer maneira pelos buracos da rede, não me resta outra escolha senão inventar uma tara falsa, mas credível. O meu cunhado sugere epilepsia. Epiléptico um dia, epiléptico para sempre. Basta demonstrar que já tiveste uma crise para ser declarado epiléptico e, portanto, inepto. O meu cunhado está disposto a fazer-me uma receita falsa que ateste essa primeira crise imaginária. Mas tenho dúvidas. Ser ou não ser epiléptico? Epiléptico, afinal, é um pouco como ser ator. Basta pretender sê-lo para ser catalogado como tal, mas, por outro lado, se um dia decides abdicar desse status, será muito difícil convencer os outros de que finalmente estás saudável de corpo e mente, e correrás o risco de ser considerado para sempre um inútil.

A minha vida estava apenas a começar. Planeava ser professor. Aprovar concursos. Por que não ser diplomata? Reformado e epiléptico... Ia carregar essa marca de infâmia toda a vida. Pior ainda, e se, tendo declarado ser epiléptico, me tornasse realmente um? E, além disso, algo dentro de mim, sem dúvida, resistia à reforma. Afinal, sempre fui um legalista, não um revolucionário. Um queixoso, mais do que um verdadeiro rebelde. Fazer batota, sim. Questionar as regras do jogo, não. Enfrentar os desafios para sair mais forte sempre me pareceu preferível à evasão. Decidi enfrentar este. Dizia-se que o serviço militar fazia de ti um homem. E se fosse verdade?

A FEIRIA DOS FEIJÕES

Fui chamado para o serviço militar no primeiro de agosto. Tirei umas férias em julho para escapar um pouco antes deste ano de encarceramento, mas ainda não conhecia o local da minha detenção. De volta, ligo para a minha mãe. Ela abre a carta fatídica que acabara de chegar a casa. Arpajon, diz ela. Não tenho ideia de onde fica. Na Costa Azul? Na Alsácia? Nos subúrbios de Paris? Na universidade, um camarada comunista que tem amigos bem posicionados prometeu interceder a meu favor para que não me designe a um lugar demasiado distante de casa, o que me permitiria voltar com mais frequência com licença, ou até mesmo voltar para casa todas as noites. Naquela época, a internet não existia. Os telemóveis também não. Temos um mapa de França no carro, mas encontrar Arpajon num mapa quando nem sequer sabemos em que região procurar é um desafio.

Pergunto a um posto de gasolina. Tudo o que sabe sobre Arpajon é a sua famosa Feira dos Feijões. Isso não ajuda muito. Há feijões em todo o lado. Segundo ele, estaria mais para o sul de Paris. Tem razão, finalmente localizo Arpajon, onde estou condenado a passar, para não dizer a perder, um ano da minha vida. Na verdade, só verei de Arpajon a sua estação e o seu quartel, perdido no fundo da floresta, e nunca colocarei um pé no centro da cidade de Arpajon. Muito menos na Feira dos Feijões.

A classe de agosto é a dos estudantes, que começam o serviço militar no final do ano escolar e ao fim do seu adiamento. Mas não qualquer tipo de estudantes. Aos mais motivados, de fato, é oferecida insistentemente antes da incorporação uma preparação militar, que lhes permitirá ser convocados como aspirantes a oficiais. Os simples

recrutas da classe de agosto são aqueles que não são suficientemente rebeldes para terem sido isentos, mas também não são suficientemente dóceis para terem aceitado colaborar oferecendo-se como voluntários para serem aspirantes. Assim, todos temos cerca de vinte e três anos. Alguns muitos mais. Vários estão casados e até já têm filhos. Quase todos são da região de Paris, foram atribuídos perto de casa graças a influências, e têm um nível de estudos de quatro, cinco ou seis anos de universidade.

Não é realmente o perfil das outras cinco classes de jovens recrutas sem adiamento, provincianos, camponeses e muitas vezes rurais, mal maiores de idade e, no melhor dos casos, com diploma de estudos primários. Sem mencionar uma minoria simplesmente analfabeta. Em resumo, o suficiente para desconcertar um pouco os poucos suboficiais encarregados de nos supervisionar, às vezes mais jovens do que nós, sem estudos e provenientes de meios muito menos favorecidos.

O decano do nosso grupo tem mais de trinta anos. Careca e bastante corpulento, parece ter cinquenta. De estudos em casamento e de casamento em criação, é sem dúvida o campeão de França do adiamento. Ninguém sabe por que milagre conseguiu escapar tanto tempo à conscrição. Para piorar, é jornalista do L'Humanité. Por princípio, já que o comunista nunca é antimilitarista, não fez nada para ser isento, esperando que o exército tomasse a iniciativa de enviá-lo de volta a casa, o que fará finalmente depois de alguns meses. Na verdade, este intelectual de esquerda de aparência bonachona, racionalizador sem ser francamente contestatário e muito menos anarquista, é o pior cliente para um sargento e a sua hierarquia. O desertor que se esquece de voltar do licença, os gendarmes procuram-no e devolvem-no ao quartel onde é colocado sob prisão, o que prolongará o seu tempo de serviço. O nosso camarada, ele, não questiona nada, mas pede educadamente explicações sobre tudo, fingindo interesse. Explicações que os seus pequenos chefes, claro, têm muitas dificuldades em fornecer. Às vezes, até sugere e propõe... Nada francamente reprovável, mas o suficiente para mergulhar numa confusão profunda um suboficial que só aprendeu a ladrar.

Todas as manhãs, estamos todos reunidos no pátio para o içamento da bandeira. Depois, ao chamarem o nosso nome, saímos das filas um a um para receber o nosso correio. Ele está subscrito ao L'Humanité, que o sargento é obrigado a entregar-lhe em mão todos os dias diante de todo o pelotão em posição de sentido, mas rindo. O içamento da bandeira é um pouco como a missa no exército. E o nosso camarada recebe o seu exemplar de L'Huma como se fosse o Santíssimo Sacramento. Os comandantes têm uma vaga consciência de que este ritual diário tem algo um pouco deslocado, até mesmo de que estão sendo abertamente ridicularizados, mas não sabem como lidar com este problema inédito sem arriscar-se a ficar em evidência. O militar, embora seja muito rigoroso com o regulamento, teme acima de tudo a Lei da República. Nenhum regulamento específico parece proibir a um recruta estar subscrito ao L'Huma desde que não faça proselitismo, e a lei também não parece autorizar a privá-lo dessa leitura edificante. Claro, resta a repressão discretamente dissuasória. Mas como infligir punições impunemente a um tipo que é jornalista do L'Huma? No dia seguinte, estaria no seu jornal...

Não vou infligi-los mais com o relato do meu serviço militar, embora houvesse muito a contar. Depois de um ano inteiro sem fazer nada e sem pensar em nada, regressei à vida civil em plena forma, com o corpo e a mente descansados, com uma vontade multiplicada de viver. A experiência da prisão, quando não é demasiado prolongada, tem o mérito de devolver todo o sentido à palavra liberdade. A do lazer total e da estupidez absoluta devolve o gosto pela ação e pela reflexão. Sob esse ponto de vista, o serviço militar foi para mim tanto um retorno ao vazio original quanto um verdadeiro renascimento.

AS MINHAS UNIVERSIDADES

Voltei à vida civil cheio de energia, decidido a recuperar o tempo perdido. Na faculdade de Villetaneuse, não conheci a vida de estudante tal como a havia sonhado ao deixar a Escola Saint Martin com o diploma de secundário na mão. Optei por Ciências Económicas porque me interessava a política, mas também por razões práticas, pensando que era o melhor caminho para aceder a empregos que me corresponderiam e garantiriam um futuro aceitável ou até mesmo à altura das minhas expectativas. Mas se a economia é uma ciência branda, nada preditiva e totalmente refratária à experimentação, o seu aparato metodológico convoca aquelas ciências exatas que são as matemáticas e as estatísticas. A economia combina, pois, o mais nebuloso das ciências humanas com o mais tedioso das ciências exatas. As ciências económicas e sociais são filosofia e psicologia colocadas em equação. É um pouco como tentar provar a existência de Deus com um programa informático, medir o desejo com uma régua, quantificar a felicidade sentida com um termómetro, avaliar a honestidade de um político com uma balança e pesar os prós e os contras com uma balança de cozinha.

Embora sonhasse em ser astrofísico, é preciso ser realista, sou mais de letras. Até ao diploma, a economia é história contada por um jornalista. Na universidade, já não tinha o nível em matemáticas. Especialmente depois de quatro anos de caos numa universidade em greve permanente. Embora milagrosamente tenha obtido um diploma de consolação, estava à beira da desescolarização. E então, o meu primeiro trabalho de verão na Sociétés Générale deu-me uma ideia do que me esperava se persistisse em querer ser um executivo, e da utilidade que seriam para mim os meus conhecimentos das teorias keynesianas ou marxistas para ser empregado de banco. Preferiria morrer. Se ia estudar algo que não me levaria a lado nenhum, era melhor escolher uma matéria que realmente me interessasse. E já que ia ser estudante, que fosse na mítica Sorbonne.

O que mais me interessava na época era reconectar com as minhas raízes espanholas. Durante os meus estudos secundários, o meu pai espanhol obrigou-me a escolher alemão como primeira língua e inglês como segunda. Depois de todos esses anos de estudo, expressava-me tão bem nessas duas línguas como em latim. Agora, eu escolheria. E pelo jogo das equivalências, decidi inscrever-me na Sorbonne no segundo ano de Licenciatura em Letras Espanholas. O único problema era que nunca tinha aprendido esse idioma durante toda a minha escolaridade. Não importava. Já falava um pouco de espanhol por tê-lo praticado todos os verões durante as minhas

férias familiares na Costa Dourada. Um mês de cursos de verão na Universidade de Salamanca deveria ser suficiente para me dar as bases necessárias.

Dois meses depois, cheguei a Clignancourt. Para a Sorbonne, a verdadeira, teria de esperar um pouco mais. Os dois primeiros anos de licenciatura em Paris IV decorrem na Porta de Clignancourt. Era melhor do que Villeteuse, mas ainda mais longe de Auvers-sur-Oise, onde continuava a ser obrigado a viver por não ter dinheiro para uma acomodação em Paris. Mas estava muito motivado. Era necessário, pois sabia que não tinha o nível necessário. No primeiro dia de aula no anfiteatro, cheguei tarde. A entrada é feita pelo lado do professor. Todo o anfiteatro estava com os olhos postos em mim. Sentei-me o mais discretamente possível e olhei à minha volta, compreendendo melhor o desconforto que senti ao entrar. No anfiteatro, só havia raparigas. Aproximava-me do paraíso.

Os meus professores, obviamente, notaram imediatamente que era um caso especial. Sou um rapaz, para começar, mais velho do que os outros, e quanto à língua, no início do ano tinha o nível de quarto curso. Mas todos mostraram-se muito benevolentes, vendo claramente a minha extraordinária motivação. De fato, levantava-me todos os dias às cinco da manhã. Uma pequena corrida para manter a forma que tinha durante o meu serviço militar, depois atacava as novelas do programa, em espanhol, claro. Não conhecia mais do que uma palavra de cada duas. Procurava todas as outras no dicionário. Continuava as minhas leituras no comboio. Duas horas de transporte para chegar a Clignancourt. Tempo suficiente para me familiarizar com os clássicos espanhóis. Tudo me fascinava. A literatura clássica e moderna, espanhola ou latino-americana, o Século de Ouro e a Guerra Civil. Aquela guerra que levou o meu pai a exilar-se em França em 1939 com os seus pais. E que é, portanto, constitutiva do meu próprio destino.

No final do ano, tinha alcançado o nível dos meus colegas. E no ano seguinte obtive a licenciatura com menção de excelência. O tempo que não passava no transporte ou na aula, passava na biblioteca. Às vezes, os meus professores pediam-me as referências dos artigos que citava e dos quais eles próprios ignoravam a existência. Mas não havia terminado com esta voracidade de aprender. Pelo jogo das equivalências que permitem encurtar os cursos, e estudando sempre pelo menos duas disciplinas ao mesmo tempo, acumularia o equivalente a cerca de quinze anos de estudos superiores e obteria sete diplomas universitários em diferentes especialidades.

TORNA-TE QUEM ÉS

Com a minha entrada na licenciatura em Letras Espanholas, finalmente acedo ao santuário, a Sorbonne. Na realidade, a maioria das aulas práticas acontece no Instituto Hispânico, na rua Gay Lussac. Não faz mal, é o Bairro Latino. E as aulas teóricas são ministradas no histórico cenário da Sorbonne, com os seus majestosos anfiteatros adornados com painéis de madeira e frescos. Os de Villetaneuse eram de betão e estavam cobertos de grafites. Os professores de Paris XIII davam aulas com medo de que um esquerdista lhes atirasse um balde de água ou um saco de farinha na cabeça, à vista de todos e sem receio de sanções. Aqui, alguns ainda ensinam com toga, e basta tosse no início da sessão para que haja silêncio. Há até quem dite as suas aulas, que as raparigas de boa família anotam religiosamente palavra por palavra. Maio de 68 parece muito distante, mas confesso que, naquele momento, vejo apenas vantagens neste regresso à ordem.

Em espanhol, há menos gente do que em inglês, os estudantes provêm de meios um pouco mais populares e estão mais motivados. Muitas vezes, como eu, têm origens espanholas, ou então mantêm uma verdadeira paixão por Espanha e pela língua de Cervantes. A poucos passos da Sorbonne, as instalações do pequeno Instituto Hispânico são simultaneamente modernas e já envelhecidas. O ambiente lá é mais descontraído do que na Sorbonne, até mais íntimo. Tratamo-nos por tu com os professores, tomamos cafés com eles no bar da esquina, fazemos teatro juntos depois das aulas, reinventamos o mundo após os ensaios, continuamos a beber até ao amanhecer, e ainda mais se surgir afinidade.

Tendo alcançado o nível dos meus colegas da licenciatura em Letras Espanholas, nesse ano compagino com um terceiro ciclo em economia no Centro de Estudos Ibéricos e Latino-americanos Aplicados, também sediado no Instituto Hispânico. Uma forma de garantir o meu futuro enquanto preparo o meu regresso ao mundo laboral. Porque ainda não sei o que poderia fazer com uma licenciatura em espanhol, para além de tentar as provas para ser professor, o que não me entusiasma muito. Ao longo da minha vida, no final, tenho frequentemente ensinado, sem nunca me considerar um professor e sem aspirar a sê-lo.

Este regresso à economia ajudou-me a conseguir dois estágios em Espanha que, juntamente com os meus diplomas já obtidos, me permitiram ingressar num terceiro ciclo em marketing na Sciences Po. Ou seja, sair pela porta grande de uma das escolas mais prestigiadas depois de ter entrado por uma janela que ficou aberta. Na Sciences Po, reencontro-me, por assim dizer, com os meus colegas do Colégio Saint Martin. Não são os mesmos, obviamente, mas provêm da mesma elite. Todos têm nomes longos e com partículas, ou, quando não é o caso, têm nomes de marca. Na minha turma, há uma senhorita Peugeot. Aos fins de semana, organizam entre eles rallyes sociais. Nem sabia que isso existia. E ainda não sei exatamente o que é. Sem serem sectários, têm a amabilidade de me convidar, mas declino, temendo novamente não estar de todo no meu lugar e fazer figura de ridículo ao infringir códigos que não conheço.

Para celebrar o fim deste ano de estudos na Sciences Po, aceito no entanto ir a uma festa na casa de uma das nossas colegas abastadas. As janelas dão para os jardins de Matignon. E dou-me conta de que estou na casa de um ministro quando ele aparece à porta para cumprimentar a filha e ver se está tudo bem. A história alcançou-me. Aqui estou novamente a conviver com um ambiente elitista ao qual não pertenço, sem pertencer a mais nenhum.

Resta saber o que fazer com a minha vida. Começando por esta vida profissional na qual, com mais de vinte e cinco anos, ainda não entrei. É na Sciences Po, como outros em Lourdes, onde tenho uma revelação. Um dos nossos oradores é Georges Péninou. Naquela época, ele é um dos poucos especialistas em França em semiótica aplicada ao marketing e à publicidade. De repente, vislumbro a possibilidade de conciliar o meu gosto pela língua e pela literatura com o meu verdadeiro interesse pelo marketing. Péninou foi formado por Barthes. Mas Barthes morreu. Só me resta saber onde se pode aprender semiótica em Paris e quem tomou a sucessão de Barthes na École Pratique des Hautes Études, onde ensinava até ser atropelado por uma camioneta mesmo à frente da Sorbonne. A minha vida não foi mais do que uma longa busca, tentando descobrir quem queria ser. "Torna-te quem és", dizia Nietzsche. Fácil de dizer. Primeiro é preciso saber quem és. E isso só se sabe no final, e com a condição de ter procurado muito. Eu continuo a procurar...

ALGIRDAS JULIEN GREIMAS

À espera de me tornar na pessoa que quero ser, ou seja, por agora, semiólogo, embora ainda não conheça bem o significado desta palavra, consegui, graças à Sciences Po, um estágio numa empresa de estudos cujo nome não mencionarei, filial francesa de um grupo americano especializado em estudos quantitativos e conhecido por ter desenvolvido um modelo de previsão de vendas. Quando um anunciante planeia lançar um novo produto, esta empresa encarrega-se de entrevistar os consumidores potenciais sobre o seu grau de interesse nessa novidade. Depois, insere no seu misterioso programa os resultados desta sondagem, assim como um conjunto de outros dados de marketing sobre o nível de preços, o canal de distribuição, a quantidade de investimento publicitário previsto e muitos outros fatores. Finalmente, após digerir toda esta informação, o computador central, localizado na sede dos Estados Unidos, emite o seu oráculo como a Pítia de Delfos.

O segredo deste modelo preditivo, que fez a fortuna desta empresa de estudos, está tão bem guardado como a receita da Coca-Cola, e nem a filial francesa o conhece. No dia marcado, tendo em conta o desfasamento horário, é necessário ligar ao mítico criador desta fórmula mágica, um sábio "doutor" que reside do outro lado do Atlântico, para que entregue pessoalmente o número fatídico, vindo de não se sabe onde, que decidirá o destino deste novo produto. Em resumo, não estamos longe de Nostradamus. Se é isto que são os estudos quantitativos, supostamente científicos, porque não tentar a semiótica?

Continuo a minha pesquisa e descubro que ainda existe um curso de semiótica na Sorbonne, dentro da famosa École Pratique des Hautes Études, onde ensinaram os maiores investigadores em ciências humanas, e que se caracteriza, tal como o Collège de France, pelo facto de que os seus ensinamentos estão abertos a ouvintes livres. Vou lá. Na realidade, trata-se principalmente de um curso de fonética, ministrado por um dos maiores linguistas da época, André Martinet, e é a sua esposa Jeanne quem, enquanto assiste ao marido em cada sessão, às vezes destila como telonera alguns rudimentos de semiótica. Assim, é em casal que os Martinet, já bastante idosos, ensinam nos sótãos da Sorbonne, perante um punhado de doutorandos, uma educação muito académica. Estamos longe de Barthes, e entendo desde a primeira aula que, se a investigação em semiótica ainda é feita em algum lugar de Paris, não é ali que acontece.

Pergunto a um desses antigos alunos, e ele dá-me uma melhor pista: a École des Hautes Études en Sciences Sociales, que apesar de um nome bastante semelhante, não tem nada a ver com a École Pratique des Hautes Études. Aparentemente, um tal Algirdas Julien Greimas, de quem nunca ouvi falar, está lá a espalhar a boa nova. Decido ir ver. O seminário de Greimas realiza-se todas as quartas-feiras às 14 horas no anfiteatro da Faculdade de Teologia Protestante, em Port-Royal, e também está aberto a ouvintes livres.

Assim que entro no que parece uma capela, cheia de fiéis, onde o mestre está prestes a officiar, tenho a revelação, uma mais, de que estou prestes a participar num momento crucial na história da investigação. Semelhante vagamente a Einstein, com os seus grandes bigodes, Greimas é tão velho quanto Martinet, mas vê-se logo pelo

seu ar sorridente e pelos olhos travessos que é mais jovem de espírito do que a maioria dos seus discípulos, que, por outro lado, se dividem em duas categorias. Os primeiros, chamados os doze apóstolos, são intelectuais de trinta e poucos anos, geralmente ainda doutorandos, mas frequentemente já professores. Formam parte do círculo restrito que rodeia o profeta da Escola de Semiótica de Paris, que não é uma escola no sentido administrativo do termo, mas antes um movimento de pensamento e uma corrente de investigação. Porque a comparação com a religião limita-se à decoração algo empoeirada deste grande seminário e à paixão que anima todos os participantes. Aqui, não há guru. De toda a assembleia, Greimas é sem dúvida o que menos se leva a sério. Partilha o palco com os seus adeptos, e qualquer um na audiência pode tomar a palavra a qualquer momento. Embora poucos se arrisquem realmente, por medo de dizer uma asneira. Porque o mínimo que se pode dizer é que tudo isto está a um nível muito alto. Principalmente para mim, que, com a minha formação económica e literária, não tenho nenhum conhecimento em linguística e ainda menos em semiótica.

É simples, estas pessoas redigiram um dicionário para se entenderem melhor entre elas, o Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage. Estão a escrever em conjunto o segundo volume, e qualquer um pode propor entradas e definições. É, portanto, um idioma que me é totalmente estrangeiro. A boa notícia é que se pode aprender. Aqui, não é de todo um mestre, com o seu suposto saber, como diria Lacan, que ensina a uns alunos desejosos de aprender. Neste anfiteatro, não se tem certezas, busca-se em conjunto, está-se disposto a questionar a pertinência do que se pensava ter encontrado no dia anterior, e finalmente assiste-se, ou até contribui-se, ao surgimento de um conhecimento em processo de constituição. Na minha já longa carreira de estudante, é a primeira vez que tenho a oportunidade de viver uma aventura intelectual coletiva deste tipo, e é um impacto. Perdi Barthes, não vou deixar passar Greimas.

10 RUE MONSIEUR-LE-PRINCE

Com as primeiras indenizações dos meus vários estágios, ainda não posso sonhar em alugar um estúdio só para mim em Paris. Para isso, precisaria de um contrato por tempo indeterminado, com salários consideráveis. Mas, pelo menos, encontrei uma subarrendamento em Montparnasse. Uma colega da faculdade que vai passar um ano com Erasmus em Espanha. Não é exatamente a minha casa, mas quando ponho o pé pela primeira vez naquele sótão, é como se estivesse a caminhar na Lua. Um pequeno passo para qualquer estudante, um grande salto para mim. Já não tenho que prestar contas à minha mãe. Já não recebo ordens do meu pai. A partir de agora, as únicas ordens virão dos meus chefes. O menor número possível, mas há que fazer algumas concessões. E os chefes, no pior dos casos, sempre podem ser mudados... enquanto se espera poder prescindir deles algum dia.

Mas, sobretudo, com este pé em Paris, adeus aos comboios suburbanos! Quase duas horas para ir de Chaponval a Paris muito cedo de manhã, e o mesmo para voltar tarde à noite. O que tornava impossível qualquer saída com amigos depois das aulas ou qualquer vida parisiense em geral. Uma poupança considerável de tempo e energia, que me permitirá começar a estudar seriamente a semiótica, enquanto continuo a trabalhar na empresa de estudos onde já fiz um estágio, e onde acabo de ser contratado a tempo parcial. Este será o meu lema a partir de agora: nunca mais na vida um trabalho a tempo inteiro.

Cheguei ao seminário de Greimas a meio do ano, demasiado tarde para me inscrever no terceiro ciclo na EHESS. E tenho apenas noções básicas de linguística e ainda menos de semiótica. É razoável começar diretamente uma tese sobre este tema? Aproveitarei o que resta do ano letivo para me atualizar, assistindo ao seminário e aos workshops como ouvinte livre. Porque, além do grande seminário de quarta-feira, os discípulos mais fiéis de Greimas promovem semanalmente workshops de pesquisa especializados nos diversos campos que a semiótica pretende abordar. Os próprios títulos destes workshops são absolutamente incompreensíveis para os não iniciados, começando por mim. Mas, milagre, um deles é dedicado à comunicação publicitária.

É dirigido por Jean-Marie Floch. Muito mais jovem que Péninou, que já está perto da reforma, tinha apenas quarenta anos na época, e descubro que é o maior especialista do momento nesta disciplina. Mais importante ainda, não só é um investigador destacado, que já publicou vários livros dedicados à semiótica da imagem, mas também trabalha como freelancer para consultoras e agências publicitárias. Exatamente o que sonho fazer um dia. Só falta conseguir que me aceitem como ouvinte livre no seu workshop, e para isso, apresento-me no local à hora prevista para a próxima sessão.

A maioria dos workshops decorre no primeiro andar de um pequeno edifício antigo, no 10 rue Monsieur-le-Prince, não longe da Sorbonne. Mais tarde descobrirei que Auguste Comte lá viveu. No rés-do-chão há um armazém, no andar um pequeno gabinete que serve como escritório para Greimas, e outra sala um pouco maior onde ocorrem os workshops. Sabe-se que a República é pouco generosa com os seus investigadores, e a universidade é ainda menos com este vagabundo algo estrangeiro e o seu grupo de jovens doutorandos exaltados que rompem as fronteiras bem

estabelecidas entre as diferentes disciplinas, pretendendo proporcionar uma linguagem comum a todas as ciências humanas.

Jean-Marie Floch recebe-me amavelmente. A Escola de Semiótica de Paris está aberta a todos, incluindo alguns iluminados que, sem dúvida devido ao seu metalenguaje aparentemente esotérico, consideram Greimas um guru e os seus seguidores uma seita. Embora sejamos menos de uma dezena, o mais difícil é encontrar uma cadeira não muito instável e um lugar onde colocá-la. Depois disso, encantado, assisto pela primeira vez ao Workshop de Semiótica Publicitária dirigido por este grande especialista na disciplina. Esta primeira vez será também a última para mim. Na semana seguinte, Jean-Marie Floch anuncia-nos que suspende o seu ensino até ao final do ano letivo. Entre os seus trabalhos de investigação e a sua atividade de semiólogo freelancer, está sobrecarregado e tem de fazer escolhas. Além disso, a sua esposa acabou de dar à luz o seu segundo filho.

É uma decepção para todos e para mim uma catástrofe. Mas não sou de me deixar abater. Proponho aos outros participantes continuar o workshop em autogestão. Uma autogestão da qual logo tomarei o controlo. Não me levou muito tempo a perceber que a maioria dos meus colegas, que lá estão há vários anos e alguns dos quais estão a preparar uma tese com Greimas, têm uma concepção bastante mística da semiótica e fazem um uso bastante surrealista do seu metalenguaje. Apesar das aparências, não sabem muito mais do que eu. Mas eu estou perfeitamente consciente da ignorância em que me encontro nesta disciplina realmente muito rigorosa, estou decidido a aprender e já comecei a fazê-lo lendo e relendo todos os livros de Greimas.

Comparado com os outros, também tenho a vantagem de conhecer bem a publicidade, da qual eles não sabem nada. Em resumo, em poucas semanas, estes cordeiros abandonados já me consideram, mais ou menos apesar de mim, como o seu novo pastor. Imponho a minha autoridade e substituo este ilustre professor do qual apenas assisti a uma aula. Toda a minha vida pratiquei antes de saber e ensinei para aprender. O princípio do workshop era que cada um dos participantes trabalhasse em um exercício prático, a entregar no final do ano. Quando chegou o momento, entregamos todos os nossos trabalhos a Jean-Marie Floch, que aceita voltar para a última sessão com o objetivo de encerrar o workshop. Por minha parte, com as poucas noções de semiótica que consegui adquirir por mim mesmo com a ajuda das minhas leituras, fiz a análise de um anúncio de automóvel. No final desta última sessão, Floch pede para me ver. Reprender-me-á por ter aproveitado a sua ausência para organizar um golpe no seu workshop de semiótica publicitária? Fará-me entender amavelmente que o trabalho que lhe entreguei não é digno de um estudante de terceiro ciclo? Em resumo, terá percebido que não sou mais do que um impostor?

Para minha grande surpresa, sem fazer qualquer comentário sobre o trabalho que lhe entreguei, propõe-me substituir-lhe com um dos seus clientes para uma análise semiótica que ele não tem tempo para fazer ele mesmo. Estou, claro, muito surpreso, encantado e completamente angustiado. O cliente em questão é um grupo informático, e trata-se de anúncios para componentes eletrónicos. Não só nunca realizei estudos semióticos para um verdadeiro anunciante, como também não sei absolutamente nada sobre este universo de produtos.

Além do meu trabalho como responsável de estudos, encontro-me a analisar no meu sótão um vasto corpus de anúncios bastante técnicos e bastante austeros para produtos misteriosos que, portanto, não são de grande consumo e desconheço a quem realmente se destinam. Floch vem ver-me uma vez para assegurar-se de que tudo está a correr bem. Apresento-lhe o meu trabalho enquanto lhe explico o meu desconcerto. Não o voltarei a ver até ao dia da apresentação ao cliente, onde me deixa expor a minha análise sem fazer qualquer comentário.

Há que acreditar que a minha apresentação não foi tão catastrófica, porque Jean-Marie depois confia-me vários outros análises, desta vez no campo dos produtos farmacêuticos com os quais, claro, estou igualmente familiarizado. Para coroar tudo, para aliviar um pouco a sua agenda, Floch propõe-me no início do curso seguinte dirigir o seu workshop em alternância com ele. Eu encarregar-me-ei da semiótica publicitária e ele da semiótica visual, o seu campo de predileção. Seis meses depois de ter descoberto a semiótica, por proposta de Jean-Marie Floch a Greimas, que confia plenamente nele, tenho a responsabilidade de ensiná-la, como diretor desta unidade de investigação sob os auspícios da EHESS e do CNRS. A minha carreira de impostor está lançada. Nada poderá deter-me.

No entanto, para adquirir um mínimo de legitimidade, considero mais prudente inscrever-me no DEA, para aprender oficialmente os primeiros rudimentos da disciplina que, de facto, terei a responsabilidade de ensinar aos doutorandos de Greimas.

O BOUGNAT

A poucos passos do número 10 da rue Monsieur-le-Prince, onde devo dar a minha primeira aula de semiótica publicitária, encontrava-se na época um minúsculo bistrô atendido por um auvernês. Ignoro se ainda existe. Alguns cantos de Paris não mudaram muito desde os anos cinquenta, e o bistrô deste bougnat, no coração do Bairro Latino, já pertence a outro tempo. Às quartas-feiras, a agenda de Greimas está organizada com precisão. Por volta das nove, ele toma o café neste bistrô onde tem a sua mesa, e às vezes marca alguns encontros ali. Depois, trabalha no seu minúsculo escritório, justo em frente à pequena sala onde se realizam os workshops. Mais tarde, volta para almoçar com o auvernês, às vezes na companhia de outras pessoas que solicitaram uma entrevista, ou com os seus discípulos mais próximos. Naquela época, ainda não existiam os telemóveis. Portanto, aqueles que queriam contactar o mestre não hesitavam em ligar para o bougnat, que atuava como recepcionista do líder da Escola de Semiótica de Paris, e que, sem saber, deve ter atendido ao telefone todos os grandes intelectuais da época. Em seguida, Greimas apanha o metro para ir a Port-Royal dar o seu grande seminário, muitas vezes na companhia de convidados ilustres como Paul Ricœur ou Umberto Eco, convidados a partilhar a tribuna com ele para contribuir ou até contradizer.

Porque Greimas não teme a controvérsia; pelo contrário, ela estimula a sua mente. Mesmo quando se trata de expressar as suas dúvidas, ele tem resposta para tudo, sobre qualquer tema e com qualquer interlocutor. É um dos maiores pensadores do século XX, mas também sabe manejar o humor, o que torna as suas intervenções mais acessíveis, mesmo nos temas mais áridos. Quando termina de responder a uma pergunta, embora apenas alguns iniciados tenham realmente compreendido o sentido do que ele disse, os outros pelo menos recordam-se de ter entendido a piada que fez no início, e isso os acalma um pouco. O seminário continua de maneira informal no café da esquina, onde o mestre, para relaxar, parece apreciar mais a companhia das mulheres bonitas do que a dos velhos doutorandos.

Embora Greimas adore o debate, ainda não é o meu caso. E, claro, estou petrificado com a ideia de me enfrentar pela primeira vez, como professor, a esses estudantes que até há poucos meses eram meus colegas. Principalmente quando o próprio Greimas está no escritório ao lado, ou mesmo quando Joseph Courtés, que atua como seu secretário, mas que escreveu com ele o famoso Dicionário Razoado da Teoria da Linguagem, está na mesma sala onde dou a minha aula, e escuta cada palavra que pronuncio enquanto organiza seus papéis ou escreve à máquina. É por isso que, às quartas-feiras de manhã, antes de dar a minha aula, eu também vou ao bougnat e, com o meu café, tomo um pequeno calvados para relaxar um pouco.

Contra todas as expectativas, a assistência ao meu workshop de semiótica publicitária explode muito rapidamente. Além dos alunos habituais, todos os freelancers de Paris ansiosos por adquirir a bom preço alguns conhecimentos básicos de semiótica apressam-se a assistir às minhas aulas. Dada a extrema pequenez do local, alguns devem ficar no patamar. Floch informa-me que Greimas, com quem ainda não tive uma conversa real, fica espantado e divertido. O que será que Martinez lhes conta para que haja tanta gente no seu workshop?

UM GRANDE CHEFE

Aproxima-se o final do ano letivo. Floch, até então freelancer, recebe uma proposta do Instituto Ipsos para criar um departamento de estudos semióticos. Aceita e, alguns meses depois, pede-me para trabalhar com ele. Para mim, é um novo sonho realizado. No Ipsos, poderei conviver diariamente com o maior especialista francês em semiótica visual e publicitária, não como professor, mas como colega de trabalho. E, claro, em seu contacto, aprenderia mais sobre semiótica aplicada em um mês do que qualquer outra pessoa em um ano de estudos.

Nossos escritórios estão no andar da direção, logo ao lado dos dois grandes chefes deste instituto bicéfalo, Didier Truchot e Jean-Marc Lech. O Ipsos Semiótica, ou seja, Floch e eu, está diretamente vinculado à direção. Só temos que prestar contas aos nossos dois chefes, e eles nos concedem uma liberdade extrema. O primeiro assessora os políticos mais importantes do momento, até o Eliseu. O segundo assessora grandes empresários. O brilhante e elegante intelectual que é Jean-Marie Floch seduz tanto o homem de estudos que é Jean-Marc Lech quanto o homem de negócios que é Didier Truchot, formando ambos uma dupla diretiva inseparável cuja continuidade, até a morte do primeiro, será um tema de admiração para todos e um mistério para mim. Na Rue des Jeûneurs, onde o instituto ainda está domiciliado, mas onde em breve se tornará pequeno, eles chegam até a compartilhar o mesmo escritório. Como todas as duplas duradouras, têm personalidades muito diferentes.

Lech é mais um lobo solitário, um homem de redes, mas não realmente um homem de empresa. Não é afável e tem uma ironia às vezes cruel, para não dizer um certo cinismo. Mas, claro, também tem sua complexidade e seu lado sombrio. É mais um ideólogo do que um humanista.

Sob uma aparência descontraída e um pouco brusca, Truchot é tímido, afetuoso e intuitivo. Embora não evite confrontos, gosta das pessoas, respeita-as, e isso é o que o torna um chefe admirado pelos seus funcionários. Partindo do nada, Didier Truchot construiu ao longo dos anos uma das três maiores empresas de estudos e pesquisas do mundo. Durante minha "entrevista de trabalho", ele limita-se a dizer-me que, se Jean-Marie Floch me escolheu para trabalhar com ele, é porque devo ser a pessoa certa, e isso é suficiente para ele. Quando apresentei minha demissão alguns anos depois, sem que houvesse qualquer conflito entre nós, esse homem muito ocupado voltou a encontrar-se comigo. Há alguma razão particular para a tua decisão que pudéssemos discutir e que te fizesse mudar de ideia? Respondi que não, que era uma decisão pessoal. Nesse caso, desejo-te boa sorte e, se algum dia quiseres voltar, o Ipsos sempre terá algo a oferecer-te. Isso é o que chamo de ter classe.

Não voltei a trabalhar no Ipsos e só reencontrarei Didier Truchot alguns anos depois, no funeral de Jean-Marie Floch, que infelizmente nos deixou prematuramente. Este grande chefe, que chegou com o seu motorista, reconheceu-me imediatamente e chamou-me pelo nome. E durante esta cerimónia comovente, a que assisti até o final, chorou.

Reconhece-se os pequenos chefes porque estão sempre à procura de um bode expiatório para assumir os seus erros em seu lugar. Reconhecem-se os grandes chefes porque assumem não apenas os seus erros, mas também os de todos aqueles que estão

sob sua responsabilidade, como se fossem seus próprios erros. É na tempestade que se reconhece um grande capitão. Porque na tempestade, um verdadeiro capitão não se limita a manter o leme, pressionando os dentes e rezando a Deus, esperando que passe. O grande capitão não é feito para navegar em águas tranquilas. É na tempestade que se revela, transcende e realmente existe. Vi Didier Truchot enfrentar situações de crise como um grande chefe, situações que o segredo profissional me impede de detalhar. Mas, no entanto, posso contar uma anedota.

Ao Ipsos foi confiado um grande estudo para o reposicionamento do jornal Le Progrès de Lyon, acompanhado de uma análise semiótica. Jean-Marie Floch, no último momento, deu-me a honra de apresentar os resultados deste estudo em Lyon, com Didier Truchot e outro diretor de estudos encarregado da parte quantitativa. Deveria encontrar-me com eles diretamente na estação para apanhar o TGV juntos, mas quando chego lá, não há ninguém no cais. Sem considerar necessário avisar-me, o diretor de estudos em questão preferiu apanhar o trem anterior. Não tenho o endereço do encontro. Em Lyon, dirijo-me logicamente à sede do jornal, onde me informam que a apresentação está a ser realizada na residência pessoal do chefe do jornal, que tem uma perna engessada e vive a 50 quilômetros de Lyon. O motorista do jornal leva-me até lá. Já estava bastante estressado com a perspectiva de apresentar um estudo a um chefe de imprensa e ao meu próprio chefe, então podem imaginar o meu nível de serenidade ao chegar lá. Entro e vejo Didier Truchot expondo os resultados bastante complexos do meu estudo semiótico diante do diretor do Le Progrès e de toda a sua equipe editorial, com um simples quadro em que rabiscou alguns mapas. Ele leu meu relatório no trem, mas não tem nenhum suporte visual de apresentação, o que na época chamávamos de transparências, já que as tenho na minha pasta. Eles fazem-me uma brincadeira amigável, sento-me tranquilamente em um canto, e Didier Truchot termina a sua apresentação que estava prestes a terminar. Fiz a viagem de Paris em vão. Não pude fazer a apresentação deste estudo tão estratégico e, acessoriamente, muito caro para o cliente. Embora a culpa não seja diretamente minha, meu chefe poderia facilmente encontrar razões para me recriminar. No trem de volta, no bar do TGV, relaxado como sempre, não faz a menor alusão ao meu fracasso e não guarda nenhum rancor. Para mim, foi um drama; para ele, apenas uma peripécia.

Outra anedota. Uma manhã, ao chegar ao escritório, alguns funcionários descobrem que uma senhora da limpeza jogou toda a contabilidade da empresa no lixo. Na noite anterior, o contador imprudentemente deixou todos esses arquivos empilhados no chão, e essa boa mulher, tomando tudo aquilo por papéis velhos, jogou tudo fora. Recuperamos in extremis os arquivos no lixo coletivo, justo antes da chegada do caminhão de lixo. Nem o contador nem a senhora da limpeza foram despedidos por isso, e todos ainda riem disso anos depois. O erro é humano, e é papel de um grande chefe assumir os erros dos seus funcionários. Hoje, Didier Truchot figura entre as cem maiores fortunas de França. Para ter sucesso, ou simplesmente para sobreviver, é necessário ir à frente e muitas vezes enfrentar sofrimento. Mas é possível ser um grande intelectual ou um grande chefe sem perder o sentido de humor e mantendo um mínimo de humanidade.

OS DUETISTAS

Com Jean-Marie Floch, no Ipsos, realizarei ao longo de uns anos uma centena de estudos semióticos sobre os temas mais diversos, desde a política à alimentação, desde a imprensa à automóvel, desde a indústria do luxo à indústria armamentista... Estes estudos muito estratégicos são na maioria das vezes confiados diretamente por Jean-Marc Lech e Didier Truchot, que estão muito próximos de todos os círculos do poder político e económico da época. Portanto, não precisamos de fazer promoção para vender os nossos serviços. Intervimos a pedido dos grandes empresários, e é na maioria das vezes diante deles que apresentamos as nossas análises. Embora os nossos serviços sejam muito caros, mal geramos lucros, dado que o tempo dedicado a cada um dos nossos estudos é considerável e, ao contrário do que acontece no âmbito dos estudos quantitativos, não há delegação nem mecanização possível. No entanto, o fato de podermos oferecer análises semióticas é valioso para o Ipsos. Desde Barthes, a semiótica goza e padece ao mesmo tempo da imagem de uma disciplina bastante complexa e muito misteriosa, até confusa. Mas fascina. Abrevados de números todos os dias, os decisores percebem que os estudos quantitativos não são a resposta para tudo, especialmente quando se trata dos problemas mais delicados relacionados com a imagem da marca e da empresa.

E então a empresa, justamente, embora geralmente seja dirigida por homens de marketing formados nas grandes escolas de negócios, mantém uma certa curiosidade, tanto respeitosa quanto um pouco irónica, em relação ao mundo académico. Assim como o rei precisa do seu bufão, o CEO sabe que, de vez em quando, um olhar independente e até ligeiramente impertinente, e um ponto de vista original e fora do comum, podem renovar um pouco a visão que seus cortesãos lhe devolvem ao longo dos anos. Como investigador, embora muito familiarizado com os problemas da comunicação publicitária, Jean-Marie Floch não tem dificuldade em seduzir os mais curiosos desses homens de marketing. Ele é brilhante. Tem sentido de humor. É atencioso e considerado com todos, desde a secretária até o CEO. Sabe mostrar-se pedagógico, sempre dando a impressão de saber muito mais do que o seu auditório seria capaz de compreender. Para mim, trabalhar com ele é simplesmente um sonho. Embora ele seja meu diretor e eu seu encarregado de estudos, considera-me, se não como um igual, pelo menos como um irmão mais novo ainda um pouco inábil e um pouco turbulento. Nunca me dá uma ordem. Desde o início, embora eu tenha muito menos experiência do que ele, repartimos o trabalho. Ele faz os seus estudos, eu os meus, e ao longo do tempo, trocamos os nossos primeiros resultados, as dificuldades que encontramos e as nossas dúvidas. Para usar uma das suas expressões favoritas, somos sparring partners, como os boxeadores em treino. Ele critica as minhas análises ou as completa. Eu critico as dele e faço sugestões, que quase sempre ele integra. Discutimos, até nos opomos, às vezes ruidosamente. Mas devemos reconhecer que somos complementares. Ele sabe muito mais do que eu em semiótica, eu sei um pouco mais do que ele em marketing. Tendemos a produzir análises um pouco demasiado subtis, às vezes difíceis de entender para os não iniciados. Eu levo-o a uma maior simplicidade, esforçando-me também para tornar as suas recomendações mais operativas. Corrige os meus erros. As minhas faltas de ortografia, às vezes.

Jean-Marie Floch é para mim muito mais do que um mestre, e eu sou para ele muito mais do que um assistente. Não nos separamos, ou muito pouco. Frequentemente aproveitamos a pausa para o almoço para visitar a passo rápido, já que Jean-Marie é um montanhês, exposições de pintura ou fotografia no Grand Palais ou em Beaubourg. É um especialista em semiótica visual e um grande conhecedor nestes dois campos. Além disso, também é fotógrafo e desenha muito bem.

Às quartas-feiras de manhã, alternamos na animação dos nossos workshops de semiótica e encontramos-nos à tarde no seminário de Greimas. Porque uma das condições não negociáveis da nossa chegada ao Ipsos era que mantivéssemos um dia por semana livre para a investigação acadêmica. Rápido conheci Martine, a esposa de Jean-Marie, e os seus dois filhos. As nossas conversas vão muito além do nosso trabalho. Contamos tudo um ao outro. Ele tem uma dezena de anos a mais do que eu, tem uma vida bem organizada. A esposa dele liga-lhe todos os dias no final da tarde para lembrar-lhe que leve uma baguette para casa. Uma maneira de lhe dizer que o ama e que espera que ele regresse a casa. Eu estou solteiro, saio muito. Aos fins de semana, aproveito para ser finalmente parisiense e visitar museus e exposições, ir ao cinema e ao teatro. No mesmo dia, acontece-me ver duas exposições, dois filmes e uma peça de teatro. Leio muito. Tudo o que se publica no âmbito das ciências humanas. Ensaios sobre pintura e fotografia também. Biografias de pintores. Claro, troco ideias com Jean-Marie sobre todos estes temas. Ele recomenda-me livros. Às vezes compra-me-os. Invejo a sua felicidade familiar. Ele diverte-se com as minhas aventuras e desventuras de todo tipo.

No Ipsos, quase não se vê um sem o outro. Aqueles que menos nos apreciam, considerando-nos com razão como os bailarinos da direção, e portanto como parasitas, chamam-nos de duetistas. Para nos fazer sentir que somos apenas animadores, para não dizer palhaços, e que vivemos à sua custa, eles que realmente trabalham e geram receitas. Invejam sobretudo a nossa independência, a nossa liberdade, a nossa aura de intelectuais, e a nossa empresa errante de quartas-feiras para regressar quase clandestinamente à escola. Somos aves de passagem. Eles são animais de capoeira. Floch é um homem apressado, sabendo talvez inconscientemente que em breve partirá, levado por uma terrível doença que o atingirá no lugar onde se acreditava mais forte: o cérebro. Aos cinquenta anos, ainda parecia um pássaro que caiu do ninho. A queda, afinal, terá sido demasiado brutal. Também me ensinou a viver com urgência, como se cada dia pudesse ser o último.

O ESTATUTO DA LIBERDADE

Um balanço continua a ser um balanço, e um chefe continua a ser um chefe. A pressão aumenta para que o Ipsos Semiótica consiga, pelo menos, equilibrar as suas contas. Estão a empurrar-nos para que nos tornemos um departamento generalista de estudos qualitativos, oferecendo, entre outras coisas, análises semióticas. E, para isso, incitam-nos a contratar outro diretor, que desenvolva esta nova gama de serviços mais clássicos mas mais rentáveis, uma vez que são realizados muito mais rapidamente.

Chega o novo recruta. Percebo rapidamente o perigo. Dois diretores para um único encarregado de estudos é como o exército mexicano. O novo diretor é, acima de tudo, um comercial. De fato, vende muitos mais estudos do que nós, principalmente o que chamamos de reuniões de grupos de consumidores que ele mesmo modera, o que apenas lhe ocupa quatro horas do seu tempo cada vez. Mas depois, alguém tem que resumir tudo isso e tirar algumas conclusões operativas.

Uns dias depois da sua chegada, deixa um dossier na minha mesa e diz-me, como se fosse uma obviedade: “Poderás escrever o relatório?” Há momentos em que o rumo da tua vida depende da tua capacidade para responder negativamente a uma pergunta que aparentemente só tem uma resposta afirmativa. Estou consciente de que estou a viver um desses momentos chave, e sem pensar muito, dou-lhe a resposta de Bartleby de Melville ao seu chefe: “Preferiria não o fazer.” Ou seja, em francês, simplesmente não. Finge estar surpreso. Espera um comentário. “Não?” “Não.” Não dou mais explicações. Não me juntei ao Ipsos para fazer o mesmo trabalho de encarregado de estudos que fazia antes. Vim para fazer semiótica. E nem mesmo Jean-Marie Floch, meu mestre na matéria, alguma vez me pediu para escrever um dos seus relatórios em seu lugar.

Comunico a minha posição a Jean-Marie, que a aprova sem reservas. O novo diretor, por sua vez, informa a direção do meu recusa. Preparei-me para ser despedido. No final, será ele quem terá que sair. Não durará mais do que algumas semanas. Mas senti o vento do canhão e agora sei que os meus dias no Ipsos estão contados.

O novo diretor é substituído por uma encarregada de estudos qualitativos, que pelo menos não poderia pretender ter autoridade sobre mim. Mas a pressão financeira continua a ser a mesma. A nova encarregada de estudos é uma mulher que trabalhou até agora como freelance e que, por não ter vida privada, dedica todo o seu tempo ao trabalho, o seu único meio de existência e a sua única razão de viver. Fica até tarde da noite, quando Jean-Marie e eu insistimos em sair do escritório às 18:30. Até pretextando uma urgência, convoca-nos a regressar ao Ipsos num domingo para terminar uma apresentação que deve ser feita na segunda-feira. Desta vez, é Jean-Marie quem se recusa. Ele também compreende que se permanecermos lá, perderemos a nossa alma.

Jean-Marie chega uma manhã com um plano de fuga. Greimas informou-o de que há dois lugares para professores de semiótica disponíveis em Quebec. Com o entusiasmo da sua esposa, vai candidatar-se e propõe-me que me candidate também ao segundo lugar, que poderia ser meu. Como duas crianças, começamos a sonhar com esta nova

vida na América. Ele com a sua família, e eu como aventureiro. Durante o almoço, até vamos à Embaixada de Quebec para nos informarmos sobre os trâmites e sobre o país, do qual sabemos praticamente nada. Jean-Marie é um amante da montanha e dos grandes espaços. Eu estou apaixonado por tudo o que ainda não conheço.

Infelizmente, logo temos de nos desiludir. Finalmente, os nossos perfis não se ajustam aos lugares disponíveis. Adeus, Canadá. Entretanto, a nossa nova encarregada de estudos, contratada como nós a tempo parcial, pressionou para passar a tempo completo. Rapidamente percebo que essa quarta-feira de liberdade, que havíamos conseguido preservar até agora para voltar todas as semanas à universidade, em breve será apenas uma lembrança. A minha decisão está tomada, não me embarcarei numa nova luta. Desta vez, serei eu quem se demitirá. Prefiro ser desempregado a trabalhar a tempo completo. Mas, contra todas as previsões, descobrirei a América...

CHERNOBYL

Entretanto, preciso de umas férias. Com mais de trinta anos, por falta de tempo e, sobretudo, de dinheiro, viajei muito pouco. Espanha com os meus pais. Espanha outra vez com amigos. Espanha sempre, por trabalho. Algumas poucas estadias breves em Londres, como toda a gente. Pela primeira vez na minha vida, tenho dias de férias pagos para tirar. Decido ir sozinho, de comboio, durante duas semanas.

Uns meses antes, conheci uma romena, aluna de Greimas também. É arquiteta. Tem um sotaque adorável. Parece mais uma matrioshka do que uma boneca russa, mas, de qualquer forma, parece que há mais dentro dela. Enfim, é complicado. A nossa aventura não terá um amanhã. Ela já tem namorado, não quer deixá-lo, e eu não insisto muito para que o faça. No entanto, continuamos a ser amigos. Toda a sua família continua na Roménia, e sugere-me que vá lá. Como sou muito influenciável, compro imediatamente um bilhete de comboio para Bucareste. Espera que finalmente vá pedir a sua mão aos seus pais?

É 26 de abril de 1986. Devo apanhar um comboio noturno essa noite para começar a minha viagem até Bucareste. Na mesma manhã, ouço o rádio. A notícia acaba de chegar. Explosão nuclear em Chernobyl. Chernobyl está a 2500 quilómetros de Paris, e como todos sabem, as autoridades francesas negarão a entrada em nosso território à nuvem nuclear. Bucareste, no entanto, está a apenas 900 quilómetros da explosão, e não está claro se a Roménia de Ceauşescu tem, como nós, a capacidade de rejeitar este vento de morte soprado pelo irmão mais velho soviético.

O meu bilhete de comboio não é reembolsável. Decido partir na mesma. Devo fazer uma paragem na Áustria, veremos como evolui a situação. Ao chegar a Viena, de manhã, as notícias são cada vez menos claras e mais alarmantes em relação a esta explosão nuclear silenciosa, invisível e indolor mas potencialmente mortal. No trajeto, que me leva em linha reta bem abaixo do epicentro da explosão, Viena é a última paragem situada do lado bom do Muro de Berlim que, recorde-se, ainda está de pé nesse momento. Já no Ocidente, a informação sobre esta catástrofe é mais do que questionável, então no Oriente...

Decido continuar apesar de tudo até Budapeste, que está a apenas 250 quilómetros de Viena. A Hungria ainda não é totalmente o Bloco Soviético. Sempre haverá tempo para recuar se as coisas realmente se puserem mal. Porque em Budapeste, já estarei a apenas 1100 quilómetros dessa central que acaba de entrar em fusão. Então apanho o comboio para Budapeste.

Adoro viagens de comboio. Aquele momento em que entras no compartimento e vês os desconhecidos com quem vais passar longas horas. Um simples cumprimento ou um gesto de cabeça para saudar ao chegar, antes de te sentares. Depois aquele silêncio um pouco incómodo, com a certeza de que ao fim de uns momentos, com o tédio já a instalar-se, trocaremos algumas palavras educadas, e mais se houver afinidade.

Lá estão, entre outros, um chinês e uma austríaca. Ele é pianista. Bastante falador, não se preocupa muito com os preliminares. Já não me lembro muito bem porque é que ele vai a Budapeste, mas o certo é que não tem alojamento lá, o que não hesita em fazer saber com um inglês bastante aproximado, e não se inibe de pedir à austríaca, que tem ligações na capital húngara, se poderia hospedá-lo. Ela encontra alguma desculpa para evitar isso.

Eu também não reservei hotel. Prefiro improvisar. E limito-me a temas de conversa desinteressados com a austríaca, sobre as nossas respetivas atividades. Ela é pintora, ou pelo menos estudante em Belas Artes. Não sei muito mais, uma vez que a viagem entre Viena e Budapeste não é muito longa, e o chinês monopoliza a conversa.

Ao sair do comboio, a austríaca despede-se aliviada deste chinês um pouco demasiado pegajoso. Caminhamos juntos até à saída. Pergunto-lhe se tem algum hotel que possa recomendar. Uma forma discreta de lhe fazer saber que não sei para onde ir. Ela propõe-me imediatamente acompanhá-la à casa do amigo que a hospeda durante as suas frequentes estadias em Budapeste, um tipo que trabalha em publicidade.

Não verei quase nada de Budapeste, uma vez que os húngaros estão ainda mais preocupados porque sabem que estão mal informados. Não saem de casa, só comem conservas, e estão colados ao rádio dia e noite para ouvir o que sabem ser o discurso oficial, para não dizer a voz de Moscovo.

Tenho com eles trocas muito interessantes. Trabalho com os maiores publicitários franceses. A publicidade na Hungria ainda está nos seus primórdios. Já estou a considerar estabelecer-me em Budapeste para montar uma agência neste país onde tudo está por fazer. É o húngaro que me devolve à realidade, aconselhando-me amavelmente. Se ele está em Budapeste, como todos os seus compatriotas, é porque não pode sair para fugir a esta nuvem nuclear soviética que ameaça exterminá-los. Talvez todos estejamos a morrer, sem saber. E tu, que tens um passaporte francês, não só vieste aqui por tua própria vontade, como consideras aproximar-te ainda mais de Chernobyl continuando a tua viagem até à Roménia, que além disso é uma das piores ditaduras da Europa Oriental.

Estou um pouco envergonhado, admito. O medo de ser indecente mais do que o medo de morrer convence-me finalmente a modificar a trajetória da minha viagem. Decido então deixar Budapeste. Na estação, olho para os comboios que estão prestes a sair para ver qual sai primeiro. Que seja Zagreb. A Jugoslávia ainda é o mundo comunista, mas pelo menos afasta-me um pouco de Chernobyl.

UMA BOMBA

Já que vou morrer, que seja à beira-mar. Depois de uma breve paragem em Zagreb, capital croata sem encanto particular da sempre comunista Jugoslávia de Tito, continuo de comboio até Rijeka, a cidade marítima mais próxima acessível por ferrovia. Rijeka não é realmente um destino turístico ou de praia. É antes de tudo um porto e um estaleiro. Não importa. A praia, como o amor, às vezes é entediante com várias pessoas, mas estando sozinho, é francamente patética.

Como costumo viajar de noite, para poupar em hotel e não me aborrecer demasiado no comboio, chego a Rijeka de manhã. O centro da cidade não é desagradável, com os seus pequenos edifícios pintados e as suas fachadas com molduras de estilo barroco vienense. Mas quanto à pastelaria, aí acaba tudo. Os cafés são bastante austeros e só servem um sumo intragável. As lojas, quando se encontram, estão abastecidas com produtos de marcas locais improváveis ou provenientes dos países comunistas amigos, embalados em embalagens tão estranhas quanto repulsivas. Um objeto de curiosidade e espanto para o especialista em comunicação publicitária que sou.

É sábado. Não me vejo a passar a noite sozinho no meu quarto de hotel. Mas como saber onde se reúne a juventude local aos sábados à noite numa cidade onde as placas, símbolos de um capitalismo aborrecido, não existem? Nenhuma discoteca à vista. Nem sequer um simples bar noturno. No entanto, aquelas raparigas que vejo a passar pela rua, bem arranjadas e com muita maquilhagem, evidentemente vão para algum lugar. Mas para onde? Só vejo uma solução para descobrir. Localizo duas e sigo-as discretamente. Não com a ideia de me envolver com essas duas em particular, mas apenas para saber onde poderia haver outras.

Três ruas mais adiante, descem umas escadas para entrar num local no porão. Na verdade, nenhum sinal indica a existência de um estabelecimento noturno naquele local. Discoteca, casa de jovens, festa privada? Impossível saber sem tentar entrar. Devo ser o único turista na cidade, não falo uma palavra de croata, e o inglês também não é grande coisa, mas o que fazer? Não cheguei até aqui para dar a volta e voltar ao hotel.

As raparigas entram. Há um jovem na entrada. Não sei se é para vender bilhetes ou para rejeitar estranhos como eu. O que posso perder? Estou habituado, sempre me expulsaram de todas as discotecas em Paris porque ia sozinho. Aproximo-me do rapaz e balbucio alguma coisa. Parece um pouco surpreso, mas deixa-me entrar sem problemas.

É de fato uma espécie de discoteca, muito pequena, mas com uma pista de dança no meio. Vou ao bar, peço uma bebida e observo. Todos têm entre vinte e trinta anos, e

todos parecem conhecer-se. Eu não conheço ninguém, obviamente, e ninguém me conhece. Não é fácil iniciar uma conversa, nem mesmo com o barman. No entanto, o ambiente é amigável. As pessoas estão um pouco intrigadas com a minha presença, mas mais curiosas e divertidas do que hostis.

Já não sei onde estão as raparigas que segui e pouco me importa. Começo a questionar-me o que estou a fazer aqui quando, numa luz um pouco irreal, vejo de repente uma criatura descer as escadas que levam a este tipo de porão. Em contrapicado, parece bastante alta e é muito magra. Tem o cabelo longo, loiro acinzentado e ligeiramente ondulado. Usa pouco maquilhagem, mas duas linhas negras tornam ainda mais perigosos os seus olhos de revólver. Dá uma olhada um pouco perdida para a multidão, franzindo ligeiramente os seus olhos azul-esverdeados, o que aumenta o seu magnetismo. Mais tarde, vou descobrir que é porque é um pouco míope. Finalmente, reconhece alguns amigos, junta-se a eles e começa a conversar alegremente. Sinto-me um pouco aliviado, embora ainda muito intimidado. Pelo menos, a rapariga dos olhos de menta não parece de todo uma convencida.

Continuo encostado ao bar e observo-a, fascinado. Ela vê-me e noto que a intrigo. Devo ser o único que não conhece nesta discoteca, e nota-se imediatamente que não sou daqui. Mais uma vez, não estou no meu lugar. E é precisamente nesses momentos que me sinto mais vivo. Só teria que cruzar a pista. Mas para dizer-lhe o quê? E em que idioma? Estou paralisado, mas sei que se não atravessar esses poucos metros para ir falar com ela, vou arrepende-me para o resto da minha vida. Percorri metade da Europa para chegar a este lugar. Convenciam-me a afastar-me de uma explosão nuclear, mas não renunciarei a aproximar-me desta bomba. Levanto-me do meu lugar e, tendo desistido de preparar uma frase feita, dirijo-me para ela, sem saber de todo o que lhe vou dizer, e ainda menos se se dignará a ouvir-me. Os dois segundos mais longos da minha vida...

FRANCO-ATIRADOR

O regresso ao trabalho, depois desse idílio na Croácia, é um pouco triste. Para além deste conflito latente com a direção da Ipsos, que quer absolutamente transformar-me num executivo a tempo inteiro e, além disso, rentável, tenho a sensação de estar mais uma vez numa encruzilhada. Agora sei o suficiente sobre semiótica para não passar despercebido no seminário de Greimas, mas não tenho a intenção de passar toda a minha vida a tentar tornar-me um eminente especialista nesta disciplina, a defender uma tese de estado sobre um tema abstruso aos cinquenta anos, tudo para acabar por ser professor adjunto numa universidade de província, depois de ter batalhado durante décadas para conseguir esse cargo que coroaria a minha carreira a poucos anos da reforma. Também não quero dedicar todo o meu tempo cerebral disponível à Escola Semiótica de Paris, nem servir de secretário particular a Greimas, como o seu fiel ajudante Joseph Courtès, que, em agradecimento pelos serviços prestados, foi repreendido como uma criança pelo seu mestre durante a sua defesa de tese na Sorbonne.

A semiótica aplicada é uma experiência fascinante, mas para além do que agora se chama com certo desdém a teoria padrão, a investigação em semiótica pode rapidamente transformar-se numa busca tão vã quanto a do Santo Graal. A verdadeira vida está em outro lugar, e acredito ter atingido os limites do que o estudo das ciências humanas em geral podia oferecer-me. Para legitimar a minha presença na EHES, tive que validar apressadamente um trabalho de DEA com Greimas. Para isso, limitei-me a retomar um estudo realizado na Ipsos para um laboratório médico, sobre um tema suficientemente complexo e entediante para parecer um tema de investigação universitária: a análise do discurso dos médicos sobre a senescência cerebral. “Mas se é um tema para mim!”, brinca o velho Greimas, sempre malicioso. É uma pura formalidade, nem sequer apresento o meu trabalho perante ele, provavelmente valida-o sem o ter lido, e aqui estou com o meu DEA no bolso, depois de um ano passado a ensinar a doutorandos.

Agora resta encontrar um tema de tese para mim também. Desta vez, não escapo a uma rápida entrevista com o mestre. Falo-lhe de uma análise comparada da noção de valor em economia e em linguística. Ele não entende muito bem onde quero chegar, finge interessar-se, faz-me algumas perguntas de rotina e valida o meu tema. Por esse lado, estou tranquilo por vários anos. Deve ser que não lhe deixei uma impressão demasiado má, porque umas semanas depois, descubro que me nomeou sem aviso prévio editor-chefe da Revue de Sémiotique Internationale que acabou de criar. Sem dúvida, como ninguém rejeita esse tipo de honra, não achou útil pedir a minha opinião. Outra vez sinto o cheiro da armadilha e recuso.

Pouco tempo depois, Greimas será apanhado não pela senescência cerebral, mas por um câncer na garganta. É preciso dizer que fuma Gitane atrás de Gitane desde sempre. Volta uns meses depois com um lenço a esconder uma cicatriz, fumando ainda os seus Gitanes, mas desta vez com filtro. Não perdeu as suas faculdades intelectuais, mas é já o fim do caminho para ele. E o começo de outro caminho para mim. Resta encontrar qual.

Demitir-me da Ipsos, sim, mas para fazer o quê? E como ganhar a vida mantendo um mínimo de independência? Não quero ser executivo, nem investigador. Poderia trabalhar como semiólogo freelancer no campo da publicidade e do marketing, mas por agora, quero realizar outro sonho que o início caótico dos meus estudos universitários não me permitiu cumprir: ir passar um ano a uma universidade no estrangeiro.

Estamos no final de junho. Informo-me apressadamente sobre os organismos que oferecem programas de intercâmbio e encontro um perto do Jardim de Luxemburgo. Dirijo-me lá numa quarta-feira à tarde, sem marcação, cheio de esperança mas sem muitas ilusões. O pequeno escritório está prestes a fechar. Uma mulher aceita-me e explico-lhe o meu pedido. Lembra-me que estamos em junho, que todos os dossiers para o próximo ano letivo já estão fechados há muito tempo, e que se a minha candidatura fosse aceite, não seria antes do ano seguinte. Não me projeto tão longe. Agora que decidi demitir-me da Ipsos, sei que não aguentarei muito mais tempo lá. Quero ir-me já. Ela parece ter uma ideia em mente e propõe-me. Acabou de ter uma baixa para um posto de leitor em Austin, Texas, e procura um substituto urgente. É

preciso estar lá a meados de agosto, já que o ano universitário começa muito cedo nos Estados Unidos.

Leitor? O que significa isso? Só fui um estudante medíocre de segunda língua no liceu, então não falo quase nada de inglês. Contava ir para os Estados Unidos para aprender a língua, não para ensinar. Tento acalmar-me. Os poucos leitores que cruzei no liceu ou na universidade não tinham realmente aulas a cargo. Eram estudantes que vinham a França para completar a sua formação. Em troca de uma bolsa, eram exibidos de vez em quando nas aulas como animais de circo, e falavam um pouco para mostrar aos alunos, habituados ao péssimo sotaque do seu professor, como soava realmente o inglês quando falado por um nativo. Contavam-nos informalmente sobre a vida no seu país de origem, fazíamos algumas perguntas tolas, respondiam da mesma maneira, e eram devolvidos aos seus estudos. A mulher que tenho à minha frente não é capaz de me dar muitas precisões sobre a natureza do posto. Ou prefere não me dizer demasiado para não me assustar. Nem sequer pode dizer-me se serei remunerado, e quanto. Não importa, consegui poupar um pouco que me permitirá aguentar uns meses, depois já veremos. O que é certo é que se não enviar um substituto para Austin, o estudante americano participante neste intercâmbio também não poderá vir a França, e o organismo perderá parte do seu crédito.

O nível exigido em inglês para partir deve ser validado por um Test of English as a Foreign Language. Prefiro ser franco. Não falo nada de inglês, vou falhar o teste. Não te preocupes, diz-me ela. Dada a pressa, os resultados do TOEFL chegarão quando já estiveres no Texas. Não te vão mandar de volta por isso. Muito tranquilizador, de fato. Em poucos dias, o meu dossier está completo. Faço o teste duas semanas depois. Na verdade, quando receber os resultados em Austin, verificará que não tenho o nível necessário. Mas como ela tinha previsto, não me mandarão de volta para casa.

Para me assegurar em caso de emergência, prefiro manter o estúdio que finalmente consegui alugar na rue Daguerre graças aos meus salários de jovem executivo dinâmico. Uma amiga estudante aceita subarrendá-lo durante um ano. Desta vez, é a minha vez: sou eu quem vai!

Só me resta demitir-me do meu trabalho e comprar um bilhete de avião. Não tomei o avião muitas vezes na minha vida. E nunca para cruzar o Atlântico. Na verdade, onde fica o Texas? Olho num mapa. Fica na fronteira com o México. Não encontro muitos detalhes sobre Austin. Na enciclopédia que consulto, porque a internet ainda não existe, só se menciona a torre da universidade, onde uns anos antes um franco-atirador se tinha abrigado para disparar contra os seus colegas, fazendo várias vítimas. Há uma foto da torre. Parece agradável, o campus de Austin... Afinal, eu também sou um franco-atirador e tenho vontade de disparar a tudo o que se move.

PSICOSE

Na manhã seguinte, volto à universidade para me encontrar com o Diretor do Departamento de Francês. Chama-se Jean-Pierre, como eu. Deve ter origens francesas e fala perfeitamente a nossa língua, sem qualquer sotaque. Portanto, conversamos em francês. Pelo menos, ele não notará imediatamente o meu nível catastrófico de inglês. É muito cortês e, apesar da distância que o cargo impõe, mostra-se atencioso. Esperava uma entrevista de trabalho, mas a sua primeira pergunta é sobre onde estou alojado. Falo-lhe do motel na Congress Avenue. Olha-me com uma expressão preocupada, como se lhe tivesse dito que me estava a hospedar no motel de Psicose. Imediatamente desliga o telefone para ligar a um dos seus leitores franceses que ensina aqui há vários anos. Depois de desligar, informa-me que o tipo chegará de imediato. Não há maneira de passar mais uma noite naquele motel.

O meu compatriota levar-me-á de carro para apanhar as minhas coisas e passarei uns dias na sua casa enquanto encontro alojamento, o que não parece ser um problema no Texas. Apenas passarei uma noite no hotel e agora estou sob a proteção da comunidade francesa de Austin. De facto, dois dias depois, mudo-me para o confortável estúdio que me ajudaram a encontrar perto do Departamento de Francês. O apartamento já está mais ou menos mobilado. Coloco as minhas duas malas ao chegar. Recolhê-las-ei quando me for embora dois anos depois. Não sou de quem se instala por tão pouco tempo.

Agora sei que ser leitor significa simplesmente ser professor de francês para iniciantes na universidade. Estarei a cargo de duas turmas, com duas sessões para cada uma por semana. Estarei completamente autónomo, frente a alunos que não falam uma palavra de francês, eu que pouco sei de inglês, e que nunca fui professor de línguas. Os resultados do meu teste TOEFL, que chegarão umas semanas depois, confirmarão ainda mais a minha incompetência. Não tenho nenhuma legitimidade para ocupar este posto. Novamente sou um impostor e, obviamente, temo o momento em que, pela primeira vez, terei que enfrentar alunos não necessariamente motivados e talvez indisciplinados.

Chega o momento fatídico. A universidade é rica, as propinas são muito altas e os estudantes desejosos de aprender francês não são legião. As aulas não estão abarrotadas, uma vinte de alunos em média. Não há problema de disciplina, já é algo. Têm entre dezassete e vinte e cinco anos na sua maioria. Alguns mais velhos, que retomam os estudos depois de uma interrupção durante a qual trabalharam para pagar as exorbitantes propinas nesta universidade, apesar de ser pública. Geralmente provêm de contextos favorecidos, mas os menos afortunados devem trabalhar durante os estudos. As raparigas, na maioria das vezes, trabalham como empregadas em bares e restaurantes numerosos de Austin, famosa por ser uma "party town", ou seja, uma cidade muito animada onde se pode sair à noite, especialmente. Em resumo, estes alunos pagaram caro o direito de estar na minha aula e não vêm para conversar ou fazer barulho. Ou talvez simplesmente sejam bem educados. De qualquer forma, não estão realmente aqui para aprender francês, mas principalmente para aprovar uma unidade curricular que contribuirá para a obtenção do seu diploma.

Na aula, faço o melhor que posso, com um compromisso total para compensar a minha incompetência. Portanto, preparo-me mais para as aulas do que os outros leitores, mais habituados do que eu ao ensino, mais confortáveis em inglês e, sem dúvida, um pouco mais preguiçosos. Em poucos dias, memorizo os nomes de todos os meus alunos. Nunca fico sentado na minha mesa e faço-lhes perguntas simples, preparadas com antecedência, às quais devem dar respostas simples, permitindo-lhes assim adquirir os conceitos do programa. E funciona. Parecem satisfeitos, embora muitas vezes eu não entenda nada quando, por azar, são eles que me fazem uma pergunta. No entanto, mostram-se muito benevolentes comigo. São muito respeitosos com o professor que sou na aula, mas uma vez terminada a aula, alguns mostram-se amigáveis, propondo-me descobrir as alegrias da vida estudantil em Austin. No início, recuso, temendo ficar numa posição delicada. Mas tenho apenas um pouco mais de idade do que alguns deles e sinto que em breve será complicado manter a distância adequada.

Embora a maioria não esteja interessada no francês, este Francês intriga-os. Por minha parte, os meus alunos são os únicos americanos com os quais tenho a possibilidade de interagir. O Departamento de Francês é um pequeno canto da França e aqueles que o frequentam falam exclusivamente a língua de Molière. Os quinze leitores em atividade, para começar, que não vão começar a falar em inglês entre eles, e todos os outros professores de nacionalidade americana, que aproveitam para praticar. Fora do Departamento de Francês, os leitores e, em geral, a comunidade francesa de Austin formam uma grande família. Aos fins de semana há sempre uma festa em algum lugar, à qual todos estamos convidados. Se algum de nós tem um problema, sabe que pode contar com todos os outros. Mas, por outro lado, não se pode fazer nada sem que todos se apercebam, e recusar um convite pode rapidamente ser considerado um gesto pouco amigável. Como espero melhorar o meu inglês se estou constantemente com franceses? Se quero voltar tendo aprendido algo sobre a América e os americanos, terei que aceitar os convites de alguns dos meus alunos para sair com eles fora das aulas. Uma inclinação que pode tornar-se rapidamente perigosa...

HANNA SCHYGULLA

Antes de sucumbir à tentação de estabelecer com os meus alunos relações extraclasse, decido explorar mais a fundo as possibilidades de sair, além de em grupo, com os meus compatriotas do Departamento de Francês, priorizando aqueles que estão há vários anos instalados aqui e, portanto, melhor integrados na sociedade americana. Entre eles, há um rapaz um pouco mais velho, ou seja, mais ou menos da minha idade, Charles, que está terminando uma tese em literatura, enquanto a maioria dos outros leitores franceses está aqui apenas por um ano, fazendo uma pausa nos seus estudos. Ele, pelo menos, assim como eu, mantém uma certa distância da comunidade francesa.

Vive não muito longe do campus numaquilo que chamam de coop, ou seja, uma casa coletiva onde cada um tem o seu quarto, mas onde as tarefas domésticas são geridas coletivamente por turnos, segundo um calendário bem preciso. Embora este tipo de alojamento não se encaixasse de forma alguma no meu carácter individualista, acho o conceito divertido. A maioria dos residentes são estudantes estrangeiros, mas poucos deles são franceses. Há, entre outros, uma alemã que se parece com Hanna Schygulla no seu tempo de esplendor. À espera de poder aproximar-me dela, e mais tarde conseguirei aproximar-me bastante, tenho que me contentar em sair com Charles, que a conhece bem. Charles é o único francês no campus que já ouviu falar de semiótica, e também o único com quem posso dissertar sobre algo mais do que o melhor lugar da cidade para comer tex-mex ou ouvir country. Charles apresenta também uma enorme vantagem, além de ser amigo do duplo de Hanna Schygulla: tem um carro, e além disso um americano dos anos 60.

Charles propõe-me passar um fim de semana com ele em Houston, cidade da qual apenas vi o aeroporto, e onde tem amigos. É a oportunidade para mim de fazer uma pequena viagem nesse belo carro americano na companhia de um tipo que conheço bem e que, pelo menos, tem conversa. Dirigimo-nos para Houston. A meio caminho, numa linha reta, o que não é uma precisão muito necessária neste país que sem dúvida tem menos curvas no mundo, ouvimos atrás de nós a sirene de uma moto de polícia. Como num filme, o motociclista ultrapassa-nos e indica-nos para parar. Obedecemos, obviamente. Desce lentamente da moto e, como em câmara lenta, aproxima-se do nosso carro. Charles já desceu o vidro. O polícia está impecavelmente vestido, com as botas bem engraxadas e o bigode bem aparado. Já espero que nos peça para sair do veículo, que nos revire e depois nos algeme e nos bata com a sua cassetete. Limita-se muito educadamente a pedir ao condutor os documentos e os do veículo. Depois disso, pergunta a Charles, sempre com uma extrema cortesia, se havia uma razão particular para exceder o limite de velocidade. Como não sou uma mulher grávida e ainda não tenho contrações, Charles vê-se obrigado a reconhecer que não tem desculpa. O polícia hesita um instante. Não somos negros, e a nacionalidade inscrita nos nossos passaportes não nos coloca entre os inimigos da América, salvo quando se pretende arrasar o Iraque sob um pretexto falso. Finalmente, o tipo faz-nos um pequeno sermão, devolve a licença a Charles e deseja-nos uma boa viagem, instando-nos a conduzir com prudência. Sobe para a sua moto e vai-se embora como veio.

Sinceramente, só por ver isso, quase valeu a pena a multa da qual acabamos de escapar. Suspiro de alívio. Evitei o pior. Pelo menos, isso acho. Talvez estimulado por aquele motociclista bigodudo que parecia saído de um bar gay de San Francisco, Charles dá-me alguns detalhes sobre o destino, por não dizer o propósito, da nossa pequena viagem. Os amigos a quem vamos são todos homossexuais, diz-me ele. Espero que isso não te incomode. Tranquilizo-o imediatamente quanto à minha extrema tolerância para com todos os tipos possíveis de orientação sexual, mas sou eu quem agora está novamente preocupado, ao tomar repentinamente consciência de tudo o que deveria ter saltado à vista há muito tempo. O que via em Charles apenas como sofisticação também poderia ter-me feito pensar que ele era um pouco efeminado. E agora parece-me óbvio que se tem tantos amigos homossexuais é porque ele também o é. Obviamente, não me incomoda nada que ele seja gay. A questão é mais se ele se incomoda com o fato de eu não o ser. Será que fiz algo para dar a entender que esta viagem a Houston poderia ser um fim de semana romântico? Julgo útil esclarecer que, embora não seja de forma alguma homofóbico, também não sou homossexual. Então ele lança-me de imediato a frase que se costuma dizer às crianças para as fazer comer espinafres: “Como podes saber que não gostas se nunca o experimentaste?” Fico sem palavras por um momento antes de encontrar uma forma de responder a esse argumento derradeiro. É verdade, há um monte de coisas que ainda não experimentei. Mas, já agora, por que não começar por provar aquelas que me apeteçam? E, no que diz respeito à sexualidade, curiosamente, agora que finalmente consegui experimentar o amor tardio com uma mulher, sinto-me mais tentado por uma experiência com várias mulheres do que com um homem.

Embora guarde silêncio, não parece ter renunciado a convencer-me, e não me sinto muito mais tranquilo. Infelizmente, é impossível dar marcha-atrás. Chegamos a Houston, que está a quase 300 quilómetros de Austin. Estou no seu carro e não tenho outro lugar onde dormir. De facto, não é a primeira vez que me encontro sem saber, digamos o mínimo, em situações ambíguas. Como não tenho afinidades particulares com os machos, e prefiro falar de literatura do que de carros, simpatizo mais com homens refinados e sensíveis... que às vezes acabam por ser gays sem que eu perceba até que já é tarde demais.

Sinto que o fim de semana vai ser longo, mas há coisas piores. Se decidi fazer amizade com Charles, também é para me aproximar do duplo de Hanna Schygulla, a sua colega de casa na coop. O que pensará de mim ao saber que passei um fim de semana romântico em Houston com o seu amigo gay? Às vezes pergunto-me se não seria mais simples tornar-me também homossexual. E se Charles estiver certo? É verdade que, no final, os espinafres gosto deles. Espinafres, sim, mas e os callos? Acho que ainda não estou pronto...

FORTE ÁLAMO

Como todos pensam que sou o namorado de Charles, o alegre grupo de loucas latino-americanas que enche a casa deixa-me mais ou menos em paz. Já é alguma coisa. Puseram-nos a ambos no mesmo quarto, mas Charles parece finalmente ter-se resignado: sou irremediavelmente heterossexual. Na verdade, sou o único entre a trintena de gays ou travestis reunidos essa noite para celebrar não sei o quê, e pela primeira vez na minha vida experimento a difícil situação de pertencer a uma minoria sexual.

No entanto, vou voltar são e salvo deste muito alegre fim de semana em Houston. De volta a Austin, na sua coop, Charles terá a boa ideia de contar a minha aventura à sua amiga alemã; ela vai rir-se à grande, e isso só favorecerá o nosso aproximação franco-alemã. Diz-se que as mulheres gostam de rir. E para isso, tenho bastante aptidões. Não tenho mérito nenhum, a maioria das vezes é involuntário, e às vezes até à minha custa. A minha aventura com a dupla de Hanna Schygulla não vai muito longe, no entanto. Ela deixou um namorado em Düsseldorf, e ele virá em breve visitá-la a Austin.

Tendo tomado sabiamente alguma distância de Charles e da comunidade gay, estou novamente sozinho. Alguns dos meus alunos insistem em convites para afters depois das aulas. Não posso continuar a recusar sem ser mal-educado. Começa com uns copos nos bares da cidade. Continua na casa de um ou de outro. Todos fumam cannabis, às vezes na companhia dos próprios pais. Oferecem-me. Por cortesia, não posso recusar. Com o intuito de iniciá-los um pouco na cultura francesa, mostro-lhes como enrolar um cigarro cônico no nosso país. Eles enrolam simples cigarros retos. Parece-lhes tão exótico quanto um sanduíche de presunto e manteiga comparado com um hambúrguer. Para o aniversário de um deles, pedem-me para enrolar um cigarro gigante à francesa, com uma dezena de folhas. Volto a executar, por cortesia. Felizmente ou infelizmente, os smartphones ainda não existem, e não há fotos para eternizar a imagem desse enorme cigarro digno de figurar no livro dos recordes.

Estou consciente de que estou a brincar com fogo. Podem meter-me na prisão ou pelo menos expulsar-me da universidade por ter corrompido estes jovens, felizmente todos maiores de idade, quando na realidade são eles que me corrompem. Vou várias vezes a San Antonio com um dos meus alunos de origem irlandesa. Antes de sairmos à noite, o pai dele dá-lhe as chaves do seu carro de coleção, cuja principal originalidade é não ter caixa automática, e o seu American Express. Fazemos a ronda de bares e voltamos a vomitar na sua casa às altas horas da madrugada. Na segunda-feira de manhã, encontro-me frente a frente na aula com esses alunos com quem fumei ou bebi na noite anterior. No entanto, continuam a ser extremamente corteses e nunca tentarão aproveitar-se disso.

Ainda assim, começa a dar medo. E além disso, este tipo de festas já não é a minha praia há mais de dez anos. Julgo mais prudente abrandar com os alunos. Mas também sou muito solicitado por algumas alunas... Várias propõem-me diretamente o que lá chamam de um date, uma espécie de encontro amoroso que obedece a regras bastante misteriosas para um French Lover. Basicamente, é mais uma entrevista de emprego do que um encontro romântico, mas por uma vez, sou eu quem, a meu pesar, está do

lado do empregador potencial.

Cada semestre, pelo menos duas alunas por turma, todas maiores de idade, friso, propõem-me um desses encontros. Nem sempre posso recusar, mas não contrato, temendo com razão encontrar-me numa posição muito desconfortável no dia seguinte na aula, em relação à sortuda escolhida, e ainda mais em relação àquela cuja candidatura não foi aceita, e que poderia ficar ciumenta. Desconhecendo os costumes locais, não sei se esses pedidos constantes se devem ao meu charme em particular, que não parecia funcionar muito em Paris, ou a uma atração pelos franceses em geral.

Um dia vou jantar com uns amigos a um restaurante tex-mex. O pessoal é principalmente composto por estudantes que trabalham à noite para pagar as suas exorbitantes taxas de matrícula. Chega a conta. Há algumas palavras escritas à mão em mau francês: "Para o homem de óculos, uma admiradora." Sendo o único à mesa que usa óculos, tenho que supor que esta nota carinhosa é dirigida a mim. É um rapaz quem nos traz a conta. Como está assinado por uma admiradora, concluo que não se trata de uma das minhas novas conquistas masculinas, mas sim da empregada que ficou atrás do balcão.

Como resistir a tal declaração? E pelo menos, essa, não a terei amanhã na frente de mim na aula. Terei resistido heroicamente durante meses, mas nenhuma fortaleza é impenetrável, e este restaurante mexicano será o meu Forte Álamo. Ela dá-me o seu nome, precisando de forma muito romântica que o seu número está na lista telefónica. É lá que o procurarei. Jantaremos juntos uma vez, e quando a acompanhar até à porta, ela recompensar-me-á com um beijo à francesa. Sem dúvida, para agradecer-me por ter pago a conta. A nossa aventura não vai mais longe. Desta vez, é a minha candidatura que não foi aceita. Até hoje, continuo muito perplexo sobre como estabelecer uma relação amorosa com uma gringa...

ALPINE

Quando, até aos trinta anos, como eu, não se saiu da França mais do que para visitar os países vizinhos, acorda-se de manhã com referências geográficas bem estabelecidas. A Norte, os Países Nórdicos; a Sul, os Países do Sul; a Este, os Países do Leste; a Oeste, o oceano e, além do oceano, terras que só se conhecem pela televisão, pelo cinema, pelos livros ou pelos jornais. Lugares míticos como o Texas. Cada manhã ao despertar em Austin, preciso de alguns momentos para integrar essas novas referências. Acima, um país imenso, a América profunda, cujas fronteiras mal conheço; depois, um país ainda maior, o Canadá, do qual não sei nada. À direita, Houston, de onde partem os foguetões para a Lua ou Marte. À esquerda, muito longe, a Califórnia, e além, um oceano desconhecido. Abaixo, o México, mais próximo em todos os sentidos, e que curiosamente me parece mais familiar. Para começar, fala-se espanhol, a língua de parte dos meus antecessores. Mas, sobretudo, o México está muito mais impregnado de história do que os Estados Unidos, com uma arquitetura das suas cidades profundamente enraizada no passado.

Austin, a capital do Texas, foi fundada a meados do século XIX, e o seu edifício mais antigo ainda de pé, uma simples cabana, data de 1898, com uma placa a assinalar a existência deste monumento histórico. Na França, pelo contrário, e no velho continente em geral, a história pode ser vista em toda parte. Não há uma aldeia sem a sua igreja medieval. Não há uma aldeia sem o seu castelo. Não há uma cidade sem as suas mansões renascentistas. Não há uma grande cidade sem o seu anfiteatro romano. E nem mesmo no campo, há uma quinta sem o seu carvalho centenário. A paisagem europeia é um palimpsesto, e não se corre o risco de esquecer de onde se vem, já que as camadas sucessivas ainda são visíveis.

Nos Estados Unidos, e ainda mais nestes estados jovens como o Texas, nada disso. Na França, ficamos deslumbrados com La Défense, um enclave de modernidade que é a exceção. Nos EUA, a modernidade é a norma, e todos os centros urbanos se parecem com La Défense. Austin é Cergy-Pontoise, em um estado tão grande quanto a França onde só existem cidades novas. Depois de alguns meses, esta total ausência de profundidade histórica e esta modernidade uniforme, mesmo quando imita estilos do passado, torna-se insuportável para um europeu. Aconteceu-me ir a um dos poucos museus da cidade, não para admirar as suas coleções, mas com o único objetivo de ver qualquer coisa que tivesse mais de um século.

O México é, portanto, o país mais próximo do Texas que possui uma verdadeira história pré-colonial que deixou marcas monumentais como as pirâmides, e onde os colonos, neste caso espanhóis, deixaram uma forte impressão construindo igrejas e catedrais, mosteiros e conventos, palácios e fortalezas.

Na universidade, nos Estados Unidos, as férias de Natal duram um mês. Não tinha vontade de voltar à França como alguns dos meus colegas, já vítimas da nostalgia. Decido ir ao México, para reencontrar a civilização. Além disso, tenho o endereço em Cidade do México de uma aluna que conheci no seminário de Greimas, e que também foi uma das minhas alunas no Workshop de Semiótica Publicitária.

A fronteira norte do México está a menos de 300 quilômetros de Austin. Mas os americanos, e em particular os estudantes, que vão a este país costumam ir para o sul, para o Yucatán, para desfrutar das praias paradisíacas. Só vêem o país a partir do aeroporto de Cancún e dos hotéis de luxo a preços de pechincha na costa. Os únicos mexicanos perfeitamente anglófonos que encontrarão serão os garçons que lhes servem os cocktails e as mulheres da limpeza que recolhem o seu vômito depois das bebedeiras. Por espírito de contradição, decido entrar no México pelo norte, e por via terrestre, sem qualquer reserva de hotel, claro.

Quando anuncio o meu projeto aos meus alunos, tentam dissuadir-me. O norte do México não é uma região turística, é a parte mais perigosa do país, e fazer qualquer coisa além de sobrevoá-la é uma loucura. Em resumo, não conhecem ninguém que tenha retornado vivo de uma viagem assim. Sem dúvida porque não conhecem ninguém que tenha tido a ideia absurda de tentar. Insisto e, depois de consultar o mapa, opto por um itinerário teórico pelo menos até à fronteira mexicana. Depois improvisarei.

O autocarro que vai de Austin a Los Angeles passa por uma pequena cidade com um nome estranhamente familiar e bucólico, Alpine. Vem-me à mente a imagem de uma estação de montanha suíça. Inspira-me confiança, e está a menos de 100 quilômetros da fronteira situada em Ojinaga. Não tenho informações particulares sobre as conexões, mas deve haver alguma. Subo ao autocarro para Los Angeles no final da tarde e, à meia-noite, o autocarro para numa área deserta à frente de um letreiro que diz Alpine.

Duvido em descer. É noite cerrada, e a paragem do autocarro não está iluminada. Não vejo montanhas que se pareçam com os Alpes, e pior ainda, também não vislumbro nenhuma casa. Está seguro de que é aqui? Sim, é aqui, confirma o motorista. E o autocarro para a fronteira? Sim, há um, mas sai às 17 horas. Não prefere seguir até Los Angeles? Duvido um segundo mais, mas como sempre, escolho o salto para a escuridão e o desconhecido. Desço do autocarro com a minha pequena mochila. O autocarro parte. Estou sozinho na plena noite no meio do nada, e ninguém no mundo sabe que estou aqui...

RÍO GRANDE

Não tenho outra opção; não posso ficar aqui nesta paragem de autocarro na escuridão à espera que amanheça. Caminho pela estrada na esperança de encontrar a entrada da cidade e acabo por ver algumas casas. Na verdade, Alpine parece mais uma estação de serviço com algumas casas à volta do que uma estação de esqui nos Alpes. Há poucos comércios e, claro, tudo está fechado. Não deve faltar muito para a uma da madrugada e o autocarro que poderia levar-me até à fronteira mexicana sai às cinco da tarde. Não vou passar toda a noite a vaguear pelas ruas desertas desta cidade fantasma, sem mencionar o dia seguinte. De qualquer forma, localizo a direção de Ojinaga, a cidade fronteira, e decido tentar fazer autostop.

Fazer autostop nem sempre é fácil, mas quando não passa nenhum carro, é ainda mais difícil. Finalmente, depois de um quarto de hora, vejo um carro bastante velho a aproximar-se lentamente de mim, com todas as luzes apagadas. Duvido em levantar o polegar, mas nem sequer tenho de fazer esse esforço. O carro para ao meu lado e, sem sequer sair do veículo, um tipo com cara de poucos amigos pede-me os documentos. Há dois ou três vaqueiros como ele no carro. Embora se vistam à civil, presumo que são polícias. De qualquer forma, não estou em posição de me recusar a mostrar o meu passaporte. O tipo examina-o. É provável que seja a primeira vez que vê um passaporte francês. Além de mim, o que poderia fazer um turista no meio da noite em Alpine? Devolve-me o passaporte e pergunta-me para onde vou. Explico-lhe que estou a tentar chegar ao México. Embora o seu rosto, que mal consigo distinguir, permaneça completamente impassível, adivinho a sua perplexidade. Um francês, com um nome espanhol, a fazer autostop no meio da noite para sair dos Estados Unidos e atravessar para o México. Evidentemente, não encaixo no perfil dos seus clientes habituais, e o tráfico geralmente é no sentido oposto.

Devolve-me o passaporte. Como não sabe o que dizer, não diz nada, e o carro parte. Pelo menos não passarei o resto da noite numa cela. Mas, será que a minha situação é realmente mais invejável? Passam mais dez minutos antes de aparecer outro carro. Talvez tenha mais sorte. Na verdade, não, porque o mesmo cenário se repete exatamente. Volto a contar a minha incrível história e o tipo devolve-me os documentos. Mas rapidamente percebo que é inútil ficar à beira desta estrada a estas horas, quando apenas patrulham carros de polícia sem identificação. Pergunto ao vaqueiro se há algum bar aberto na cidade, porque até agora não vi nenhum. Ele diz-me que sim e indica-me o caminho. Vou em direção a lá. Se tiver de passar a noite aqui, melhor que seja ao calor, porque além disso começo a ter muito frio.

O bar está mal iluminado do lado de fora. Entro e vejo lá dentro uma quinzena de tipos como os que acabei de encontrar. Todos usam um chapéu texano na cabeça e um revólver no cinto. Tenho a sensação de ter entrado num saloon. Quem é que vai sacar primeiro? Até agora, os cowboys só os tinha visto nas noites country de Austin; agora sei onde estão os verdadeiros. A propósito, ainda não entendo muito bem quem são estas pessoas. Polícias à civil? Milicianos voluntários? Ou simplesmente agricultores da zona? A questão é o que fazem todos ali no meio da noite nesta cidade totalmente deserta, a beber no saloon quando não patrulham pela cidade. Não pensava que a caça ao mexicano já estivesse aberta a quase cem quilómetros da

fronteira, mas não vejo outra explicação.

Evidentemente, a minha entrada não passa despercebida. Todos os olhares se voltam para mim e olham-me com um ar suspeito. Depois, os cowboys continuam as suas conversas em voz baixa. Tomo um café e espero que o tempo passe. Com tudo isto, já são quase cinco e o dia começa a espreitar timidamente. Decido tentar novamente o autostop. O que mais poderia fazer? O bar está ao lado de uma estação de serviço. Digo-me que é o lugar ideal para fazer autostop. Nos Estados Unidos, é quando nem sequer tens carro que realmente és um sem-abrigo, e ao levantar o polegar é como se estendesse a mão. Mas a sorte, desta vez, parece estar do meu lado. Mal levanto o braço, quando um carro que acaba de abastecer para ao meu lado. O condutor faz-me sinais para que suba. Normalmente não apanha autoestopistas, mas viu-me no café e isso tranquilizou-o.

Pergunto-me se não deveria ser eu a ter medo. Pelo menos, de ter um acidente. O tipo é muito idoso. Tremes. A caixa de ferramentas está cheia de caixas de medicamentos e o banco do passageiro também está coberto delas. Afasta um pouco tudo isso para que eu possa sentar-me, antes de tomar com o seu café algumas pílulas supostamente para lhe dar um pouco mais de energia. A boa notícia é que vai até à fronteira. Explica-me que é representante de comércio e, inevitavelmente, este pobre velho à beira do colapso, que deveria estar reformado há uma década, faz-me lembrar a obra de Arthur Miller "Morte de um Caixeiro Viajante". Espero que não morra ao volante antes de me deixar na fronteira.

Finalmente chegamos sem problemas, mas como o tipo não vai para o México, tenho de voltar a fazer autostop. Para. uma camioneta mexicana. Já são vários na cabina. O condutor faz-me sinais para que suba na parte traseira. Assim é como cruzo o Rio Grande para entrar no México, sentado na parte traseira de uma camioneta, sem que nenhum agente da alfândega me peça nada. No sentido contrário, não deve ser tão simples. E de fato, ao regressar aos Estados Unidos, esta entrada clandestina no México causará alguns problemas...

CHIHUAHUA

Chego a Ojinaga no final da manhã e tomo imediatamente um autocarro para Chihuahua, a capital do estado com o mesmo nome. Por que Chihuahua, perguntam vocês? Sem dúvida, sou novamente vítima do meu demónio da onomástica. Tal como Alpine me fazia pensar numa estação suíça, o nome de Chihuahua não me evoca um pequeno cão para avó, mas sim a quintessência da mexicanidade. Se queria evitar os hotéis de luxo e as praias paradisíacas de Cancún, consegui-o, mas de resto, Chihuahua não apresenta grande interesse turístico e, a exceção da sua catedral, é uma cidade tão moderna quanto Austin, mas muito mais degradada.

Sobretudo, mal saio do autocarro, à plena luz do dia e no centro da cidade, sinto pela primeira vez uma estranha sensação de insegurança. Uma insegurança que não senti nas ruas desertas de Alpine à noite, apenas patrulhadas por uma milícia armada. Compreendo rapidamente que este desconforto se deve ao fato de ser o centro de todas as atenções. Pequeno, moreno, bronzeado, mal barbeado e mal vestido, entendendo perfeitamente o espanhol e falando-o corretamente, pensei tola e ingenuamente que no México passaria mais ou menos despercebido e que poderia me fundir na multidão, mais ainda do que nos Estados Unidos. Enganei-me. Nas ruas de Chihuahua, sinto-me como um europeu perdido num souk no coração de África, cujo rosto pálido basta para perceber que não é do continente, ou como uma loira de minissaia a passear num mercado em Cabul.

Não há um mexicano ou uma mexicana que não se vire para mim chamando-me de gringo. Eu, que nos Estados Unidos sentia-me como um extraterrestre, bastou chegar ao México para me transformar em americano. Em princípio, não há uma agressividade particular associada a este termo de gringo, mas sim uma curiosidade divertida com um toque de cobiça. Em resumo, tenho a desagradável impressão de ser um alvo. Ou até uma presa. Onde quer que vá na cidade, saberão onde estou e talvez me sigam, esperando o momento oportuno para me assaltar, ou algo pior. Pelo menos é esse o filme que me faço, e claramente não é uma comédia romântica. Se me alojar sozinho num hotel ordinário, como planeado, sinto que esta primeira noite no México será a mais longa da minha vida, esperando que não seja também a última. A única especialidade turística conhecida no norte do México é o sequestro com pedido de resgate. E quem pagaria um resgate para a minha libertação? Assim, considero oportuno voltar provisoriamente à promessa que me fiz de viver no México como o mexicano moreno da canção de Marcel Amont. Passei a noite anterior a vaguear por Alpine, preciso descansar um pouco, tomar um banho e dormir num lugar seguro. Apanho um táxi e peço ao condutor que me leve ao melhor estabelecimento da cidade. Ele obedece e deixa-me em frente a um hotel que parece bastante decente, embora provavelmente não seja o melhor.

Embora eu seja um gringo, não devo ter a aparência de alguém que se hospeda em palácios. É apenas uma torre de vidro com uma recepção na entrada. Suficiente para esperar que ninguém possa entrar no meu quarto sem ter sido convidado. Finalmente, posso deixar a minha mochila e tomar o meu primeiro banho em dois dias. Agora é de noite e olho pela janela do meu vigésimo andar as luzes pálidas de Chihuahua. Como cheguei a este lugar? Não tenho nada para fazer aqui. Não conheço ninguém. E

não tenho esperança de fazer nenhum encontro. Estou no fim do mundo e no fim da solidão, onde esperava encontrar-me, sem dúvida. Mas a solidão é como a apneia, a certa altura é preciso vir à superfície se não quiser acabar afogado. Amanhã ao amanhecer, à hora em que se lavam os dólares da cocaína no norte do México, irei embora. Ninguém me espera em lugar algum, nem mesmo num cemitério. Exceto a morte, talvez...

EL CHEPE

Depois do autostop e do autocarro, sem me resignar a tomar o avião, decido sair de Chihuahua de comboio para chegar à costa pacífica mais próxima, em Los Mochis. Como de costume, para determinar o meu itinerário, consulto apenas o mapa, sem recorrer a nenhum guia. Por definição, um verdadeiro aventureiro não deixaria que um guia lhe impusesse o seu percurso; é ele quem deve traçar o seu caminho e, tal como Dom Quixote, inventar maravilhas em vez de se conformar com uma realidade simplesmente pitoresca.

Desta vez, no entanto, o acaso está do meu lado, pois embora Los Mochis não tenha mais atrativos turísticos do que Chihuahua, ao chegar à estação descubro que o comboio que une estas duas cidades é uma lenda conhecida como El Chepe, pelas letras iniciais de Chihuahua e Pacífico. Desde Chihuahua, situada a quase 2500 metros acima do nível do mar, a linha de ferrovia desce como um longo escorregador de 600 quilómetros em direção ao Pacífico, passando por múltiplas pontes vertiginosas e atravessando tantos túneis escuros e intermináveis. Em resumo, El Chepe é uma mistura entre o pequeno comboio da mítica publicidade de Nescafé, que popularizou La Colegiala, e o comboio fantasma.

A bordo encontram-se alguns corajosos turistas aficionados por emoções fortes e desejosos de se afastar dos caminhos batidos. Ao meu lado está um canadiano, muito mais aventureiro do que eu, mas que, no entanto, tem o mérito de ser estrangeiro também e potencialmente em busca de companheiros de viagem. Conversamos um pouco. Durante metade do ano, realiza trabalhos temporários no Canadá, e o resto do tempo viaja pela América Latina. Decidimos partilhar um quarto em Los Mochis, tanto para dividir despesas quanto para reduzir riscos. Porque desta vez, não está nos planos alojar-se num hotel de luxo.

Depois da minha aventura com Charles, devia pensar duas vezes antes de aceitar partilhar o meu quarto com um desconhecido, mas como nenhuma jovem parece disposta a fazer-me companhia neste comboio, não tenho outra opção se não quero passar mais uma noite sozinho.

Ao chegar a Los Mochis, que como era de esperar não tem nada de especial, tomamos um quarto duplo num hotel bastante limpo, mas de categoria muito modesta. Estamos alojados no rés-do-chão, perto das cozinhas. Não me entusiasma, mas afinal é o que me salvará. Porque o perigo, desta vez, não virá dos ardores do meu companheiro de quarto. No meio da noite, acordamos com gritos e vemos fumo. Rapidamente saímos do quarto para o pátio e vejo chamas a sair dos andares superiores. No terceiro andar, uma mulher grita pela janela, hesitando entre saltar para o vazio ou queimar-se no local.

Os bombeiros chegam rapidamente, mas a sua intervenção não é exatamente decisiva. Têm numa mão uma mangueira demasiado curta cujo jato nem sequer chega às janelas do primeiro andar. Dois deles decidem subir pela escada e voltam alguns minutos depois com um corpo inerte numa maca. Não sei se é a mulher que gritava pela janela, se sobreviveu ou não, nem se há outras vítimas. Seja como for, começo a questionar-me se não devia abrandar um pouco o ritmo das aventuras se quero voltar com vida deste viagem ao México.

Decido ir a Cidade do México o mais rápido possível, na esperança de que a minha antiga aluna da Escola de Semiótica de Paris queira receber-me. Ao chegar à Cidade do México, ligo-lhe e ela convida-me imediatamente a apanhar um táxi para ir a sua casa, onde me oferece alojamento. Através da janela do táxi, tenho tempo de ver alguns bairros completamente destruídos, numerosos edifícios em ruínas e enormes catedrais cujas torres se inclinam como a Torre de Pisa. A Cidade do México sofreu um severo terremoto no ano anterior. Definitivamente, tenho sorte.

Beatriz, assim se chama, vive com a sua tia, que ocupa um cargo muito importante no Ministério da Educação. Não é ministra, mas tem uma equipa de cerca de vinte pessoas sob o seu comando, todos especialistas em ciências da educação. É uma mulher culta e atenta, embora com um carácter muito firme e uma grande autoridade. Aparentemente, Beatriz apresentou-me como um dos mais próximos colaboradores de Greimas e, portanto, como um grande conhecedor da semiótica. Apaixonada pela cultura europeia, a sua tia pede-me amavelmente que faça uma palestra para todos os membros da sua equipa, para que possam beneficiar dos conhecimentos de um mestre vindo diretamente de Paris, passando por Texas. Sou o seu hóspede, não posso recusar.

É um motorista quem nos leva no dia seguinte ao Ministério. Beatriz e a sua tia aproveitam para mostrar-me os frescos de Diego Rivera que adornam o interior deste edifício monumental, frescos que ninguém tem a oportunidade de ver a não ser aqueles que têm o privilégio de trabalhar ali. Chego à sala de conferências. Uma vintena de homens e mulheres está sentada à minha frente, pronta para receber as minhas palavras como os fiéis o Santíssimo Sacramento. Já por si, não me sinto muito confortável a falar de semiótica frente a alguns estudantes no meu atelier na rue Monsieur-le-Prince, agora devo fazê-lo em espanhol num ministério na Cidade do México. Escutam-me religiosamente, fazem-me algumas perguntas bastante pertinentes, aplaudem-me no final e partimos. E pensar que se eu tivesse queimado como uma sardinha no meu hotel em Los Mochis uns dias antes, esses pobres não teriam tido o privilégio de me ouvir e teriam morrido na ignorância...

A minha viagem continuará ainda durante duas semanas. Depois, planeio regressar a Austin de avião. Parece-me que será mais seguro. No entanto, é na alfândega para regressar aos Estados Unidos que terei o maior susto da minha viagem. Quando cruzei por estrada a fronteira mexicana desde o Texas, sentado na caixa de uma camioneta, aparentemente estava numa zona franca, sendo a verdadeira fronteira muito mais distante. Nenhum aduaneiro carimbou o meu passaporte. O aduaneiro texano aponta-me com um olhar suspeito que não há nenhum registo oficial da minha saída do território dos Estados Unidos, para o qual agora pretendo regressar. Não estou muito certo de entender tudo, mas em resumo, se não saí, como poderia

regressar?

Chamo-me Martínez. No México, ninguém me toma por mexicano, mas leio no seu olhar que me suspeita de ser um indocumentado. Já me vejo a ser rejeitado à entrada dos Estados Unidos e enviado de volta ao meu país de origem, França, quando estou a menos de 300 quilómetros de Austin. No final tudo se resolve, e é com algum alívio que regressarei à universidade, aos meus colegas e aos meus alunos.

TERCEIRO SEMESTRE

Em Austin, o ano académico termina em maio. Ou melhor dito, o segundo semestre, porque, na verdade, a universidade nunca fecha totalmente e há um semestre de verão. Como é possível duvidar da grandeza da América se esses tipos conseguem encaixar três semestres num ano? Durante o verão, no entanto, a universidade funciona a meio gás. Este terceiro semestre destina-se principalmente aos alunos que precisam de recuperar disciplinas, seja porque chumbaram nos exames ou porque não puderam comparecer a todos por falta de tempo. Alguns, na verdade, precisam trabalhar para pagar os seus estudos e aproveitam o verão para completar o seu programa.

Para mim, este mês de maio deveria marcar o fim da minha estadia em Austin. Só tenho contrato e visto para um ano. Aparentemente, por agora, toda a gente está satisfeita comigo. Cada professor tem direito, uma vez por ano, a uma inspeção na sua aula pelo professor americano responsável pela supervisão dos leitores. A priori, não parece algo traumático. Avisam-se com antecedência e o professor em questão, a quem todos conhecemos, é de grande benevolência. Mas mesmo assim. Até agora, nenhum observador externo tinha assistido a uma das minhas aulas. E se, de repente, eles percebessem a minha incompetência?

Para não incomodar os meus alunos e para não parecer que estou a pedir-lhes o favor de um comportamento exemplar, não os avisei. No entanto, ao chegar à aula e ver um tipo de gravata sentado ao fundo, que poderia ser o pai deles e cuja existência finjo ignorar, eles percebem que algo fora do comum está a acontecer. Devem também sentir que estou um pouco mais nervoso do que o habitual. Como me adoram e são extremamente bem educados, de repente também os sinto nervosos. Estão ainda mais atentos do que o normal, evitam qualquer conversa ou brincadeira. Em suma, comportam-se como modelos a seguir e esforçam-se para serem alunos exemplares.

Para mostrar que está a participar ativamente na aula, uma das minhas alunas arrisca-se a fazer uma pergunta, em inglês, claro. Esta intervenção não tem a intenção de me colocar em dificuldades, mas de valorizar-me. O problema, como frequentemente acontece, é que não entendo nada da pergunta. Peço-lhe que repita, mas, paralisado pela presença do inspetor, não consigo compreender. A rapariga está tão desconfortável quanto eu. Pensava que me estava a fazer um favor e aqui estou eu, como um ator que sofre de um ataque de amnésia no meio de uma atuação.

Ela tenta retirar a sua pergunta. Tarde demais. O meu inspetor vem amavelmente em meu socorro dando-me a tradução para que eu possa responder. Mas, claro, estou morto de vergonha. Os meus alunos não voltarão a abrir a boca até ao final da aula. Uma vez que o inspetor se foi, vêm perguntar-me quem era aquele tipo. A rapariga pede desculpa por me ter colocado involuntariamente numa situação desconfortável. Mais tarde, o inspetor, sem mencionar o incidente, enche-me de elogios, especialmente pela qualidade excepcional da relação que mantenho com os meus alunos. Se ele soubesse que às vezes fumo ervas com eles depois das aulas...

No final de cada semestre, os alunos, por sua vez, têm o dever de avaliar os seus professores de forma anónima, atribuindo-lhes uma nota juntamente com um comentário livre. Mais uma vez, os comentários sobre mim são muito simpáticos, até tão entusiásticos que parecem suspeitos. Portanto, sou apreciado tanto pela minha hierarquia quanto pelos meus alunos. O Diretor do Departamento já está a formar a sua equipa de leitores para o próximo ano e propõe-me renovar. Não tenho a sensação de ter terminado a minha experiência nos Estados Unidos. Aceito a proposta.

Tenho quase três meses de férias pela frente e decido regressar à Europa. Não é que sinta realmente falta da França, mas para manter um mínimo de contacto com os meus entes queridos, para não cortar todos os laços com a minha vida anterior e garantir algum apoio em caso de necessidade.

E além disso, alguém me espera em Rijeka, Croácia. Conheci Nada dois meses antes de partir para os Estados Unidos, e ela veio visitar-me uns dias a Paris antes da minha partida para Austin. Estava disposta a seguir-me até ao fim do mundo, mas não podia levá-la comigo. Esta primeira travessia do Atlântico era para mim um salto para o desconhecido, para não dizer um salto no vazio. E não se salta no vazio agarrado à mão de alguém.

Em Paris, ela olhava maravilhada e surpreendia-se com tudo, mas evidentemente, esta jovem criada na Jugoslávia de Tito, que nunca tinha saído do seu país antes de me conhecer, não estava preparada para sobreviver no mundo capitalista, exceto em total dependência de mim. Quanto a acompanhá-la aos Estados Unidos... Já não sabia como me ia arranjar sozinho, como poderia também ocupar-me de uma estudante da Escola de Belas-Artes de Rijeka, que não falava uma palavra de francês e cujo inglês era ainda pior que o meu?

De qualquer forma, como não tinha um contrato de trabalho, não teria conseguido obter mais do que um visto de turista por uns meses. E para ser completamente sincero, ia para a América para viver uma grande aventura. E as grandes aventuras raramente são vividas a dois. No entanto, embora não tivesse feito voto de castidade e, precisamente, tivesse tido várias aventuras durante este ano bastante intenso, continuava a ser fiel à minha palavra. A nossa história não podia terminar antes de ter realmente começado. E simplesmente tinha vontade de a ver, a ela, que encarnava tão bem a doçura neste mundo de brutos. Decidi passar este terceiro semestre com ela. Embora, como toda a gente sabe, os terceiros semestres são como a Quarta Dimensão, só existem nos Estados Unidos.

IUGOSLÁVIA

Volto a Rijeka no início do verão, depois de ter descoberto a América. Nada não se mexeu da sua cidade natal e não mudou. Sou eu quem mudou. As nossas diferenças são agora ainda mais evidentes do que há um ano. Elas se tornarão cada vez mais difíceis de conciliar. Já era um homem do Ocidente, retorno como um cowboy a esta encantadora cidade da sempre comunista Iugoslávia. Para ter permissão para dormir com ela na casa dos pais, não só preciso da aprovação do pai dela, mas também do Partido Comunista. Em outras palavras, devo informar todos os dias à polícia local onde estou hospedado. Imagino que prefeririam que eu gastasse minhas divisas em um hotel, pagando o alto preço reservado aos turistas. A menos que suspeitem que sou um espião encarregado de fornecer informações à OTAN sobre os estaleiros próximos.

Nada e eu dormimos na mesma cama, mas não vivemos no mesmo mundo. Tenho na cabeça todas as memórias deste ano durante o qual experimentei tantas coisas novas. Sem ela. Não importa, vou mostrar-lhe o mundo, ao menos uma parte dele, descobrindo-o com ela. Ela praticamente só conhece a Croácia, e ainda assim. Sou consciente de que esta será a única viagem que faremos juntos. Quero que ambos a recordemos para sempre.

Pela primeira vez na minha vida, tenho tanto dinheiro, tempo e total liberdade. Ela está disposta a me acompanhar. Só resta convencer seus pais, que com razão estão um pouco preocupados em vê-la partir com um estranho. Meu primeiro jantar na casa deles é memorável. São boas pessoas e mostram hospitalidade, mas seu pai, especialmente, me olha com desconfiança. Trabalhou toda a vida nos estaleiros, nunca conheceu nada além da Iugoslávia de Tito. Então, é claro, para ele não sou o genro ideal. E se ele soubesse que, além disso, não tenho intenção de me tornar seu genro...

Nem o pai nem a mãe falam uma palavra de inglês, então a conversa é difícil. Nada atua como intérprete em parte, mas mesmo assim, seu pai é um homem de poucas palavras. Ele me olha. Eu mantenho o olhar. Respeito-o e acredito que é recíproco.

Parece que não deixo uma má impressão, porque no dia seguinte, esses pais, que são muito atenciosos, deixam a filha partir com um desconhecido numa longa viagem que nos levará através de toda a Iugoslávia até o sul da Europa e além, até as portas do Sudão. Apesar de tudo, ao nos ver partir, sua mãe esconde uma lágrima, perguntando-se se um dia verá a filha novamente. Ela tem razão, podemos não voltar nunca, já que empreendemos uma viagem arriscada.

Como de costume, não defini calendário nem itinerário, e não sei até onde iremos. Cada manhã levantamo-nos sem saber onde dormiremos à noite. Deve me querer muito, confiar em mim ou estar completamente louca para me seguir cegamente em uma aventura assim? Ela, que desde a infância só conheceu a pequena vida bem ordenada de toda jovem em um país comunista relativamente próspero como a Iugoslávia, sem carecer de nada e sabendo prescindir do supérfluo.

Além disso, todos os jovens da sua idade parecem mais ou menos felizes. Vivem numa bolha muito protetora, sem perspectivas de futuro deslumbrantes, mas sem medo do porvir. Permito-me expressar algumas dúvidas. Está tudo bem, mas o que farão quando tudo isso desmoronar? Nada não entende minha pergunta. É assim. Sempre foi assim. E nunca mudará. Daqui a dois anos será a queda do Muro de Berlim e, dois anos depois, a Iugoslávia deixará de existir. Mas por agora, vamos atravessá-la uma última vez.

O que ainda se chama Iugoslávia é, numa superfície menor que a da Itália, um mosaico de culturas europeias e orientais das mais diversas. Percorrer a Iugoslávia é, em poucos quilômetros, passar do Ocidente para o Oriente, das igrejas para as mesquitas, da Grécia Antiga ao Império Otomano, das estâncias balneares para alemães aos campos medievais, da Mercedes ao carruagem puxada por cavalos. É também uma viagem no tempo e na história. É um território de uma riqueza, diversidade e complexidade incrível, que é muito mais interessante de apreciar viajando de trem ou de ônibus do que se limitando a sobrevoá-lo de avião para visitar a muito turística Dubrovnik.

Desde a italiana Istria até a grega Macedônia, passando pela austro-húngara Sérvia, finalmente chegamos ao Kosovo, que se parece com a Turquia, e no dia seguinte continuaremos até a fronteira albanesa, a Ohrid, de onde se pode ver do outro lado do lago a misteriosa Albânia ainda estalinista. Durante este périplo, Nada descobre comigo o seu próprio país, que em dois anos não será o país de ninguém. Por agora, pensamos em fazer uma parada em Prizren, onde, claro, não reservamos nenhum quarto.

Nas ruas da cidade, cruzamo-nos com um corcunda, que se oferece imediatamente para ser o nosso guia. É preciso dizer que com Nada não passamos despercebidos, especialmente no Kosovo. Parece que as meninas de Rijeka são conhecidas pela sua beleza. Bem, é uma menina de Rijeka quem me disse isso, então esse julgamento pode ser um pouco subjetivo. Seja como for, a bela e elegante figura da minha companheira de viagem atrai olhares.

O corcunda nos convida a passar a noite em sua casa, enquanto nos conta que deve partir cedo no dia seguinte para um torneio de ping-pong. Segundo ele, é um campeão nesta disciplina. Nada, sempre entusiasta e muitas vezes um pouco ingênua, está disposta. Eu sou um pouco cauteloso, mas aceito. Tinha razão em ser cauteloso, porque a noite tomará um rumo bastante inusitado...

FREAKS

Dentro de quatro anos, o Kosovo estará em chamas. Por agora, o viajante que passar por Prizren não sente nenhuma tensão particular. Longe da agitação do Ocidente, esta grande cidade situada a alguns quilômetros da Albânia, sem grandes atrativos turísticos, parece esquecida pela história que em breve a alcançará. Há poucas pessoas nas ruas, quase nenhum carro. As carroças puxadas por cavalos que circulam pelo centro da cidade não estão lá para passear turistas, mas simplesmente para permitir aos habitantes movimentarem-se e transportarem suas mercadorias.

Pelo caminho, o nosso corcunda menciona, no entanto, os conflitos intercomunitários e denuncia aqueles que os fomentam. Não prestamos muita atenção. É tão difícil imaginar a guerra em tempos de paz. Ele nos recebe em sua casa e improvisa uma pequena festa em nossa honra. Alguns de seus amigos se juntam a nós. Apesar de sua deficiência, parece gozar de certa influência no pequeno círculo que o rodeia. Talvez porque tenha um pouco mais de recursos do que eles, e um pouco mais de experiência. Ou porque é o mais astuto do grupo.

Chega uma jovem bastante bonita, que nos apresenta como sua namorada. À primeira vista, este par improvável é um pouco como a Bela e a Fera. Mas logo descobrimos que a Bela é surda e muda. Ela é albanesa, é muito jovem e parece viver sob a total dependência de seu protetor. De qualquer forma, se já me resulta difícil comunicar-me com os outros sem a ajuda de Nada para traduzir, não consigo trocar uma palavra com ela. Apenas o nosso anfitrião parece entender os poucos sons estranhos que ela emite, acompanhados de gestos.

A festa prolonga-se. Comemos, bebemos, ouvimos música. Enquanto a maioria já se foi, sob o pretexto de mostrar-me não sei o quê, o corcunda leva Nada para o quarto ao lado com a albanesa. Ela retorna momentos depois, com um sorriso enigmático. Pergunto-lhe o que aconteceu. Ela explica que o nosso anfitrião acabou de propor uma troca de casais com sua namorada. Embora já estivesse em alerta, isso me surpreende um pouco. E me preocupa razoavelmente. São mais de meia-noite, não temos outra opção a não ser passar a noite ali. Em que encrensa me meti agora? Tenho a impressão de estar em um filme de Fellini ou em "Freaks" de Tod Browning. Claro, já tive que lidar com situações delicadas antes, mas agora viajo com uma jovem da qual me sinto responsável, e que não parece entender que se o nosso anfitrião se tornasse mais insistente, a situação poderia descontrolar-se rapidamente. A troca de casais, a princípio, não me incomoda. Mas não me imagino vivenciando isso pela primeira vez com o Corcunda de Notre-Dame e uma Esmeralda provavelmente menor e, de qualquer forma, surda e muda. Rejeitamos a proposta. Mas a noite promete ser longa...

OUM KALSOUM

Depois de finalmente conseguirmos escapar daquela praça com um corcunda e uma surda-muda, deixamos o Kosovo para nos dirigirmos a Istambul e depois a Atenas. Com esta viagem de trem e ônibus, retrocedemos no tempo. Saí do Novo Mundo há algumas semanas para reconectar com a velha Europa. Ao sair de Paris, deixo para trás a modernidade, e na Jugoslávia, atravessamos um país à beira do colapso e um mundo comunista que já pertence à História. Em Istambul, estamos nas fontes do Império Otomano, e em Atenas, nas fontes da civilização europeia. Só nos resta retroceder até as fontes da civilização em si, seguindo o curso do Nilo. Para não quebrar o encanto, preferiria chegar ao Egito a partir de Atenas de barco. Mas não há conexão direta. Resigno-me a pegar um avião para o Cairo.

Desde a chegada ao aeroporto, percebe-se claramente, através de todos os sentidos, que se mudou de continente. Um mundo desconhecido, excitante, mas potencialmente perigoso, se abre diante de nós. Já é tarde, e, claro, nem sabemos onde vamos dormir. Chamo um táxi e peço que nos leve a um hotel na cidade. Evidentemente, o motorista tem um primo que dirige o hotel mais confortável, melhor localizado e mais barato do Cairo. Um primo com o qual, supostamente, está em negócios comissionados.

Há música árabe no rádio. Nada, intrigada, me pergunta se conheço aquela cantora. Como só conheço uma, para impressioná-la, respondo como se fosse óbvio e me zombasse suavemente de sua ignorância: mas é Oum Kalsoum! O filme “O Cairo Ninho de Espiões” só sairá uns vinte anos depois, mas já cultivo meu estilo OSS 117. Se me tivesse feito a mesma pergunta sobre uma ária de ópera, teria respondido a Callas.

Tinha uma chance em duas, e tenho sorte. É a diva egípcia, e acabo de fazer um amigo. O motorista está encantado. Você conhece Oum Kalsoum? Para aproveitar ainda mais minha vantagem, respondo que, claro, todo mundo a conhece e a admira. Aparentemente, não é o caso de todos os ocidentais que transporta em seu táxi, pois de repente passamos de simples turistas a amigos do povo egípcio. Então, em vez de nos levar ao hotel do seu suposto primo, ele propõe que vamos tomar um chá em sua casa para nos apresentar a toda a sua família e mostrar sua coleção de discos. Recuso educadamente o convite. Não estamos nem há um quarto de hora na África, talvez seja melhor esperar um pouco antes de sair dos caminhos batidos para preferir os caminhos alternativos.

O hotel é correto. Dá para um cemitério que parece um bairro de favelas, a menos que seja o contrário. Mais tarde, aprendo que os egípcios mais pobres não têm outra opção senão viver com os mortos. Ouvimos o chamado do muecine. Sim, definitivamente, estamos em outro lugar.

No dia seguinte, visitamos o Cairo às pressas. O turismo é sempre um pouco uma perda de tempo. Menos ainda que no Kosovo, não passamos despercebidos. Principalmente Nada. Para os egípcios, sua cabeleira loira e sua pele branca representam o auge do exotismo ocidental. Felizmente, sua beleza não é do tipo que atrai comentários lascivos. Tanto mulheres quanto homens se viram para nós rindo.

Imagino que nos veem um pouco como albinos. A menos que nos tomem por estrelas de cinema, já que pessoas tão brancas só as veem em filmes.

No banco, para trocar dinheiro, nos oferecem chá. E até nos convidam para um casamento em Alexandria simplesmente porque passamos em frente ao restaurante naquele momento. No entanto, a simpatia para com os estrangeiros tem seus limites. Em Alexandria, precisamente, nos negam um quarto em um hotel um pouco rigoroso com os princípios do Islã porque não estamos casados.

Depois de Alexandria, meu plano é descer o Nilo o mais longe possível. No entanto, ao olhar o mapa para decidir nosso próximo destino, um nome chama minha atenção: Ismailia. Aos quinze anos, devorava os romances de Pierre Benoît. Lunegarde e seu exotismo de pacotilha vêm de repente à mente. Faremos um desvio por Ismailia, no Canal de Suez. Uma cidade que, apesar de seu nome romântico, não apresenta absolutamente nenhum interesse, e da qual nem está claro se Pierre Benoît realmente pôs os pés lá alguma vez. Quantos desvios já fiz na vida para finalmente compreender que a ficção sempre supera a realidade?

OBELISCO

Não me vejo descendo o Nilo em um daqueles barcos de cruzeiro para turistas barrigudos, com restaurante e piscina, fazendo paradas apenas para visitar ruínas com um guia durante duas horas, antes de voltar a bordo para aproveitar o buffet livre e o jacuzzi com bolhas. Portanto, iniciamos esta viagem de trem.

Ao chegar à plataforma, por um momento me arrependo da minha escolha. Nos primeiros vagões que vemos, cabeças aparecem por todas as janelas abertas buscando um pouco de ar, e grupos de viajantes já se amontoam nos degraus, incapazes de entrar nos vagões superlotados. Embora eu goste de aventura e me preocupe em viajar com as pessoas do povo, não há como fazer uma viagem de várias centenas de quilômetros nessas condições.

Felizmente, na bilheteira, ao ver que éramos estrangeiros, o funcionário nos vendeu diretamente bilhetes de uma espécie de primeira classe, e ao percorrer a plataforma, finalmente chegamos a vagões razoavelmente cheios, onde nos aguardam assentos numerados. Nada particularmente luxuoso, mas um conforto totalmente aceitável. Nossos companheiros de viagem, famílias egípcias de classe média, são encantadores, e chegamos sem contratempos a Luxor.

Os sítios arqueológicos nunca me apaixonaram realmente, mas mesmo assim. Ao contrário dos imperadores romanos, os faraós tiveram o bom gosto de não invadir toda a Europa e nos impor sua cultura e arquitetura. Ao chegar a Luxor, realmente se tem a impressão de estar em outro lugar, e não de visitar a matriz como em Roma ou Atenas. Só conheço o Egito pelos "Cigarros do Faraó" e pelos numerosos souvenirs que Napoleão trouxe de lá para decorar Paris. Ver à entrada do templo de Luxor, à esquerda, aquele obelisco solitário, cujo gêmeo à direita se ergue no centro da Praça da Concórdia, dá uma ideia de como pode ser o colonialismo e de como o sentem aqueles que são suas vítimas.

Continuamos nossa viagem até Asuã e decidimos ir até Abu Simbel, para ver aquele famoso templo transferido pela UNESCO para evitar que fosse submerso pelas águas da represa construída no Nilo por Nasser. O Sudão está a apenas alguns quilômetros, e fazemos uma última excursão aos confins do Egito. Nunca estive na África Negra, mas sinto que começa aqui.

É um eufemismo dizer que destoamos entre a população local. Um sudanês que encontramos em um caminho nos convida para tomar chá em sua casa. Por cortesia, não podemos recusar. Sua casa é de terra batida com telhado de palha, cheia de homens e mulheres de todas as idades e de crianças muito pequenas. As mulheres nos servem chá e bolos. Todos nos sorriem sem que possamos trocar uma única palavra com eles. Entendemos que querem nos convidar para almoçar e talvez até para dormir em sua casa. Estamos divididos entre a vontade de não ofendê-los, a preocupação de privá-los, ao aceitar esse convite, de seus modestos meios de subsistência, e a certeza de adoecermos se comermos um único bocado daquela comida conservada ao ar livre a mais de quarenta graus e coberta de moscas.

Estou completamente desconcertado diante desta hospitalidade que não compreendo. Sinto vergonha. Vergonha da minha repulsa disfarçada de escrúpulo. Vergonha de que pessoas tão generosas possam viver em tal indigência enquanto nós vivemos em tal opulência. É por decência que não quis vir até aqui de avião ou de barco de cruzeiro. Por decência também que me esforço para viver em uma frugalidade muito relativa, que para eles não muda nada, mas que me permite ter um pouco menos de má consciência.

Chegamos ao fundo desta imersão nas fontes de nossa civilização e nossa história. Os descendentes dos faraós vivem agora em servidão, somos indiretamente seus senhores, e são eles, apesar de tudo, que nos oferecem o pouco que deixamos para trás.

Começamos nosso ascenso à superfície em etapas. No entanto, é impossível se privar de uma viagem pelo Nilo. Já que me recuso a embarcar em um barco de cruzeiro, só restam as falucas. Habitualmente, seus proprietários só as oferecem a turistas para um passeio de uma ou duas horas. Negócio com um deles para nos levar de Asuã a Kôm Ombo, a cerca de cinquenta quilômetros. Ele hesita, já que a ida levará o dia todo e a volta a noite toda. Finalmente chegamos a um acordo. Esta travessia pelo Nilo em faluca é um encanto. Este majestoso rio atravessa um deserto, deixando atrás de si apenas uma estreita faixa de terras férteis. Desde a manhã até a noite, experimentamos, o mais próximo possível da água, todas as cores que o sol nos oferece. Entendo por que os egípcios escolheram transformá-lo em um deus, em vez de um tipo pregado em duas tábuas.

A noite cai quando a faluca nos deposita na margem, aos pés do templo de Kôm Ombo, onde não há uma alma a essas horas. Durante uns momentos mágicos, somos transportados ao Egito de Ramsés II, a um romance de Pierre Benoît ou a uma HQ de Hergé. Teremos que caminhar uma hora para encontrar uma estrada, e esperar mais uma hora antes de ver passar a primeira van, cujo motorista aceitará muito amavelmente nos levar a Luxor, onde poderemos pegar o trem novamente. É o fim da viagem. Ficará para sempre gravado em nossas memórias...

ROISSY

O meu segundo ano como leitor de francês na Universidade de Austin será também o último. Claro que seria tentador ficar. Aqui, a curto prazo, tudo é mais fácil, mais emocionante, mais intenso. Depois de todo este tempo numa cidade do Texas que, apesar de tudo, está longe de ser tão mítica como Nova Iorque ou São Francisco, ainda tenho a sensação de viver numa película cujo guião tenho a liberdade de escrever todos os dias.

A minha breve passagem por Paris entre estes dois anos letivos nos Estados Unidos lembrou-me que, assim que voltar a França, serei novamente um anónimo na multidão a quem ninguém olha e cujo destino não interessa a ninguém. Posso recuperar o meu apartamento que subarrendei, mas quanto tempo poderei pagar o aluguel? Já não tenho trabalho, e mesmo que pudesse, não tenho vontade de voltar a ser investigador na Ipsos ou em qualquer outro lugar, o que para mim seria um terrível regresso ao ponto de partida.

Aqui tenho um trabalho agradável que me deixa muito tempo durante a semana para sair, e ainda mais tempo durante as férias para viajar. O meu contrato será renovado ano após ano, tanto quanto eu quiser, e tanto quanto o Diretor do Departamento de Francês desejar. Ainda tenho muitas coisas para descobrir. Tenho como amigos toda a comunidade francesa. E, pela primeira vez, até comecei uma relação amorosa que pode durar com uma jovem americana.

Mas temo mais do que tudo o estagnamento. Estou novamente numa encruzilhada e devo escolher um caminho. Se quiser fazer a minha vida nos Estados Unidos, terei de voltar a tirar diplomas numa universidade americana, e preferencialmente casar-me para obter o famoso Green Card. Já fiz muitos estudos e não me vejo a começar de novo numa língua que não é a minha e que ainda manejo extremamente mal depois destes dois anos num departamento onde todos falam a minha língua materna.

A maioria dos franceses que vejo à minha volta está de passagem, por um ano ou dois no máximo. Aqueles que não tiveram a coragem de regressar e que encontraram a forma de ficar parecem-me completamente deslocados. Estabelecer-se em Espanha ou na Alemanha é simplesmente afastar-se um pouco da França, para onde se pode voltar em uma hora de avião, em cinco horas de trem ou em dez horas de carro. Fazer a sua vida nos Estados Unidos é renunciar à sua identidade para assumir outra. Mas qual? Ainda não entendo nada deste país.

Nesta cidade universitária ou, mais precisamente, nesta universidade convertida em cidade, quase toda a gente tem menos de vinte e cinco anos e sempre os terão. Apenas não serão os mesmos. Envelhecer aqui seria rapidamente patético. Esta vida de sonho está por definição desconectada de toda a realidade. É melhor viver um sonho agradável ou enfrentar a dura verdade das coisas? Não tenho futuro neste país. Acima de tudo, não tenho futuro.

Escolho o regresso. Sei que vai ser difícil e doloroso, mas estou seguro de que é a decisão certa. Em França, desfrutava de certo reconhecimento como semiólogo. Aqui, sou apenas o pequeno Frenchy da vez. Sou apenas um leitor entre outros. E, se posso viver muitas aventuras, não posso construir nada. Devo cumprir o meu destino,

e o meu destino não é acabar como um eterno turista nos Estados Unidos, com a perspectiva de me tornar em breve um turista no meu próprio país. Esta estada no Texas terá sido um parêntese encantado. É hora de me inventar uma vida.

EL GAFFIOT

Em Paris, recuperei o meu estúdio na rua Daguerre, mas já não tenho trabalho e, portanto, também não tenho rendimentos. Os poucos dólares que trouxe do Texas permitir-me-ão sobreviver alguns meses, vivendo de forma muito modesta. No entanto, como não trabalhei em França durante mais de dois anos, já não estou inscrito na Segurança Social. Como renunciei ao meu posto na Ipsos antes de partir para a América, também não posso reclamar subsídios de desemprego nem a cobertura social que estes implicam.

Para a administração francesa, estes dois anos nos Estados Unidos não existem. A menos que volte a ser empregado rapidamente, estou prestes a tornar-me um marginal. Vivo agora com a angústia de um problema de saúde imprevisto que possa acarretar despesas importantes que não seriam cobertas.

Mesmo assim, não estou à procura de trabalho imediatamente. Aos trinta e três anos, com todas as minhas experiências acumuladas, não trabalhei mais de três anos como empregado num escritório, e nunca por muito tempo na mesma empresa. Estou decidido a não ter que fazê-lo nunca mais e, embora ainda não saiba como, vou conseguir. No entanto, terei de voltar a ganhar a vida e estou disposto a aceitar trabalhos como freelancer em semiótica publicitária, desde que possa fazer esse trabalho a partir de casa e não seja obrigado a bater o ponto todas as manhãs num escritório, a conversar com colegas na máquina de café, a obedecer a um chefe e a servir clientes. Vejo o mundo empresarial como um universo carcerário. Nos Estados Unidos, experimentei a liberdade e nunca renunciarei a ela.

O regresso à cinzenta e anónima Paris é, obviamente, um pouco deprimente. Aqui já não conheço muita gente. Mas levantar-me cada manhã sabendo que posso fazer do meu dia o que quiser é um luxo que não tem preço. Tenho mais do que nunca sede de aprender e de conhecer pessoas. E que melhor lugar para isso, uma e outra vez, do que a universidade?

Embora, para meu grande pesar, nos Estados Unidos não tenha aprendido inglês tão bem quanto gostaria, fiz alguns progressos. Sinto a necessidade de estruturar um pouco o conhecimento puramente pragmático que tenho deste idioma e também de abordar a literatura anglosaxónica na versão original. Reinscrevo-me na Sorbonne para repetir em inglês o feito que já consegui há alguns anos em espanhol.

Desta vez, entro diretamente no terceiro ano e, como justa vingança pelo meu humilhante fracasso no TOEFL dois anos antes, obtive em nove meses uma licenciatura com honras. Evidentemente, a minha abordagem aos estudos é muito diferente da dos outros alunos, principalmente raparigas, por sinal. Elas estão lá para obter um diploma com apenas repetir no dia do exame as aulas às vezes tiradas a ditado. Apenas assisto às aulas que me interessam, não tomo notas e devoro todos os livros da biblioteca, onde sou muito assíduo.

Para ter tempo de recuperar, já que parto de muito baixo, renunciei à avaliação contínua e apostei tudo no exame final. Que prazer poder ler todas as obras-primas da literatura inglesa e americana na língua em que foram escritas! Como só assisto às aulas mais apaixonantes, não me aborreço nem um segundo. Quanto às outras aulas, olho vagamente para o programa, mas nunca peço aos meus colegas que me passem as suas notas. Limito-me a ler tudo o que existe sobre o tema.

Para além dessas satisfações puramente intelectuais, a Sorbonne é também o lugar ideal para conhecer raparigas. Agora levo uma década de diferença. Suficiente para se notar, mas não tanto para parecer um pervertido de imediato. Conheço muita gente e tenho algumas novas aventuras, sempre sem grande futuro.

Com a minha licenciatura em inglês no bolso, ainda não sei o que fazer com a minha vida, nem como escapar ao emprego assalariado de forma duradoura. Retomei algumas missões como freelancer, mas não quero voltar a integrar uma empresa. Por que não o ensino? Depois da minha idílica experiência na Universidade de Austin, custa-me imaginar-me diante de uma turma num instituto nos arredores. Será a agregação ou nada. Inscrevo-me na preparação para a agregação de letras modernas na Sorbonne.

Finalmente, não será nada. Percebo imediatamente que esta preparação não é mais do que uma horrenda memorização. As aulas são desesperadamente pouco interessantes. Os nossos supostos mestres de pensamento soam vazios. Os aspirantes a professores já prestam obediência ao sistema mostrando-se totalmente submissos. Esforçam-se em demonstrar-nos o quão incompreensíveis e inigualáveis são os génios que estudamos, em vez de nos incentivar a imitá-los à nossa maneira. Transformam-nos em divindades a adorar em vez de modelos a seguir. Por isso a escola produz tantos professores e tão poucos escritores. Tantos escravos e tão poucos emancipados. Em suma, o método que apliquei para obter as minhas licenciaturas em espanhol e inglês não pode funcionar desta vez. É necessário tomar as aulas nota por nota e aprendê-las de cor, mesmo que sejam um monte de tolices, para poder reproduzi-las servilmente no dia do exame. Tudo isto dá ao mundo do ensino uma imagem tão vã, triste e liberticida. Toda a minha vida é uma busca pela liberdade, e em particular pela liberdade de pensar. Prefiro morrer a ser professor, mesmo agregado, e ter a missão de ensinar aos meus alunos a servidão.

Para levar a minha abordagem até ao fim, no entanto, apresentarei as provas escritas. A minha melhor nota será em latim. Um sete sobre vinte, creio, que corresponde à média geral para a admissibilidade ao exame oral. Dizer que me fizeram deixar o latim no quinto ano porque não era um bom aluno, e que apresentei o exame sem o Gaffiot ao qual tínhamos direito e no qual figurava a tradução de duas ou três frases da versão sobre a qual tivemos de trabalhar...

Assim, não serei professor. Mas, o que vou fazer com a minha vida? Uma ideia começa a germinar em mim. Fazer o que a escola e a sociedade se empenharam em proibir-me desde a minha infância: escrever a minha vida.

CITA

Tenho cerca de trinta e cinco anos. Ainda não sou velho, mas sinto que um ano a mais na universidade seria um ano a mais. Durante mais de dez anos, as minhas conquistas femininas sempre tiveram a mesma idade, cerca de vinte e cinco anos. Sou eu quem envelhece. Durante uma viagem a Espanha, ouvi claramente alguém perguntar se a pessoa que me acompanhava era a minha namorada ou a minha filha. Um aviso a não ignorar. No fundo, continuo a ser um adolescente, e o que me leva a frequentar o mundo estudantil em vez de pessoas da minha idade, que já têm trabalho e família, e até alguns já estão divorciados, é que a juventude é o tempo de todas as possibilidades. Escolher uma parceira, escolher um trabalho, escolher um lugar e uma maneira de viver... Passados os trinta, a maioria já escolheu, para o bem ou para o mal. E, de uma forma ou de outra, escolher é restringir a liberdade.

No entanto, estou muito consciente de que, pelo menos no campo amoroso, estou a repetir infinitamente padrões de fracasso que me farão cada vez mais infeliz, sem excluir, em breve, o patético. Para tentar sair disto, decido iniciar uma análise. Sempre me interessou o psicanálise. Aos doze anos, já lia Freud. Mas entre ler livros sobre o tema deitado num divã e deitar-se num divã para ser lido, há um mundo de diferença. Não é aprendendo o código que se sabe conduzir, nem aprendendo os códigos que se sabe como se comportar.

A experiência será relativamente breve, intensa e difícil. Acabará no dia em que perguntar ao meu analista se realmente posso dizer-lhe tudo, e ela me responderá, com termos escolhidos, que não. Então, para que se dar ao trabalho? No entanto, esta experiência fez-me progredir. Agora estou muito consciente de que me esforço para apaixonar-me por jovens que claramente não são para mim, seja porque vivem em outro país ou no outro lado do mundo, seja porque são demasiado diferentes de mim e de forma alguma complementares, seja porque são ainda mais imaturas do que eu, se possível, seja porque simplesmente não me amam e esse mesmo rejeição exacerba o meu desejo.

No entanto, não posso resignar-me a uma relação baseada apenas na razão, sabendo que também seria efêmera, e quero manter a esperança de um encontro tão fortuito quanto romântico, mas desta vez inscrito na realidade mais do que no fantasma, e nisso abrindo um futuro possível.

O fim do ano está a chegar. Será também o meu último ano na Sorbonne. Na biblioteca, encontro uma estudante de origem alemã que mal conheço. Só sei que está casada com um egípcio. De forma totalmente inesperada, convida-me para a festa de fim de ano que organiza no modesto apartamento de dois quartos onde vive em Paris, perto da Bastilha. Diz-me que haverá muito pouca gente. A sua irmã. Alguns amigos. Obviamente, não é uma proposta galante. Está casada e, de qualquer forma, não é de todo o meu tipo. Duvido por um instante. Não conhecerei ninguém. Corro o risco de me aborrecer. E ao aceitar, privo-me de qualquer outra proposta potencialmente mais interessante para essa noite de Ano Novo. Por outro lado, se recusar, corro o risco de passar a noite sozinho ou de encontrar-me nas armadilhas habituais nas quais costumo cair nessas circunstâncias. Além disso, este convite visivelmente desinteressado intriga-me e toca-me. Não sei muito bem se me convida porque me

estima ou porque sente pena de mim. De qualquer forma, há algo muito bem-intencionado nesta rapariga. Muito saudável. Muito simples. Como uma evidência. Aceito. Sem saber, tenho um encontro com o meu destino.

Quando tocar à sua porta alguns dias depois com uma garrafa na mão, não será ela quem me abrirá. Nem a sua irmã. Mas a mulher que procuro sem encontrar desde sempre. A mulher que será agora todas as mulheres, embora eu ainda me vire para olhar para algumas outras, conformando-me agora apenas em observá-las. Finalmente, não terei que renunciar à minha busca romântica. Tem menos de vinte e cinco anos, como todas as outras, mas agora é juntos que cresceremos. E será ela quem, ao devolver-me à realidade, me permitirá realizar os meus sonhos em vez de simplesmente sonhá-los.

E se eu tivesse recusado este convite? E se ela o tivesse recusado? Não há coincidências, apenas encontros. Naquela noite, tinha um encontro com a mulher da minha vida.

ESCREVER A SUA VIDA

Quando a deixo, algumas horas depois, começa um novo ano. Talvez uma nova vida. Sou eu quem lhe dou o meu número. Deixo-lhe a decisão de nos voltarmos a ver ou não. Deixo-a escolher-me. Ela vai ligar-me e vamos voltar a encontrar-nos. Tudo é simples com ela, e tudo parece evidente. Mas agora é a minha vez de decidir. Escolher uma mulher entre todas as mulheres. Aceitar ser escolhido por ela. Sei que se embarcar neste caminho, não haverá volta atrás, e deixarei para sempre todas as outras opções. Estou consciente de que estou numa encruzilhada na minha vida. Tomar o caminho certo, evitando os becos sem saída. A minha oportunidade está ali e, se a deixar passar, talvez nunca haja outra.

Tenho catorze anos a mais do que ela, vivo numa casa alugada, não tenho mais móveis do que um baú de vime, e todas as minhas coisas cabem nas duas bolsas que levei para os Estados Unidos antes de as trazer de volta para França: uma bolsa de roupas e uma bolsa de livros. Não trabalho realmente. Já não sou estudante. Faço aulas de teatro. Ela está a terminar os seus estudos na Sciences Po e, dentro de alguns meses, terá um trabalho real com contrato por tempo indeterminado. Não tenho o perfil do marido ideal. Mas ela confia em mim, e isso dá-me asas.

Encontro um anúncio na *Télérama*, eu que nunca olho para anúncios e muito menos para procurar trabalho. As Edições Harlequin procuram tradutores do inglês para o francês para os seus romances românticos. Passo a seleção e a minha candidatura é aceite. Vou traduzir uma dúzia destas novelas de série B. É mais um trabalho de adaptação do que de tradução. É preciso reduzir a paginação em pelo menos um terço e ajustar ao gosto francês. É um aprendizado e, acima de tudo, é a primeira vez na minha vida que ganho algum dinheiro escrevendo. Digo a mim mesmo que é possível.

Alguns meses depois, volto a encontrar uma rapariga que conheci na faculdade de inglês. Desde então, fez a *Fémis* e acabou de ser contratada por uma produtora para dirigir a escrita de uma série para jovens, *Extrême Limite*. Propõe-me tentar a sorte com a escrita de guiões. Como nunca o fiz na vida, aceito de imediato. Além disso, naquele momento não havia nenhuma escola de escrita de guiões na França. Pela primeira vez, sou tão legítimo quanto qualquer outra pessoa. A experiência parece ser um sucesso. Agora sou guionista de televisão. Continuo a escrever outras séries para jovens, sempre em formato de 26 minutos. Outras produtoras solicitam-me. Também para desenhos animados. Começo a ganhar realmente a minha vida escrevendo.

É tempo de projetos. Tenho quase quarenta anos, mas nunca vivi em casal com ninguém. Apesar da nossa diferença de idade, vivemos juntos as nossas primeiras vezes. Casa, casamento, filho. Tudo o que não tinha feito até agora, faço em dois anos.

Então descubro que foi criada uma escola de guion na Paris, o Conservatório Europeu de Escrita Audiovisual. Já é tarde demais para passar o concurso de entrada para aquele primeiro ano. Estarei na segunda promoção. Lá aprendo o ofício que já pratico. Como de costume. E faço contactos tanto profissionais quanto amistosos. Tenho como mestres os criadores de todas as grandes séries de televisão francesas da

época: *Navarro, L'Institut, Julie Lescaut, Docteur Sylvestre...*

Um colega e amigo acaba de ser contratado para a direção de escrita de uma nova série, *Avocats et Associés*, e propõe-me integrar o grupo de guionistas. Entro na liga dos grandes: o formato de 52 minutos para adultos e o horário nobre. Agora ganho escrevendo mais dinheiro do que jamais ganhei como empregado ou freelancer.

A empresa de consultoria que me contratava regularmente como semiólogo publicitário acaba de ser vendida e já não precisa dos meus serviços. É uma oportunidade para mim deixar completamente este trabalho que já esgotei e dedicar-me exclusivamente à escrita. Novamente, os projetos sucedem-se. Mas o mundo da televisão, tal como o de *Dallas*, é impiedoso. Somos os mercenários de um exército mexicano cujos inúmeros generais costumam ser incompetentes. São demasiadas limitações para mim. Quero ser totalmente livre e sei que não trabalharei toda a minha vida na televisão.

Começo a escrever peças de teatro. Depois de tentar em vão publicá-las, decido criar o meu próprio site e oferecê-las para download gratuito. É o início da internet. Lanço-me neste espaço de liberdade dirigindo-me diretamente às companhias, sem passar pelos editores. E funciona. Chegam as primeiras montagens. Isso anima-me a continuar.

O final de *Avocats et Associés* decide-me a abandonar a televisão. Continuo um ano a ensinar escrita de guiões na escola que me formou. Mas agora dedico-me exclusivamente ao teatro. Traduzo as minhas peças para o espanhol, outros encarregam-se de traduzi-las para o português, para o inglês, para o alemão e para muitos outros idiomas. Graças à internet, os meus textos circulam pelo mundo inteiro.

Agora sou um dramaturgo, reconhecido internacionalmente. Já não tenho que prestar contas a ninguém. Vivo da minha escrita e, dia após dia, escrevo a minha vida...

No fim, o meu pai tinha razão. Não servia para nada. Bem, quase. Desde a mais tenra infância, sonhava em ser escritor. Levou-me mais de quarenta anos admitir que era definitivamente incapaz de realizar qualquer outro trabalho que não fosse escrever, uns anos mais para permitir-me fazê-lo minha profissão, e dois ou três mais para perceber que podia ganhar a vida com isso.

A vida é uma viagem. O que nos definirá no final é o nosso percurso. Os caminhos que tomámos, e sobretudo, aqueles que decidimos não tomar. Em breve, o mar apagará na areia as pegadas que deixámos para trás, como linhas num manuscrito. Aos que virem depois, leguemos apenas o desejo de transitar livremente.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto
no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-237-1

Documento para download gratuito